

Dar o melhor de si

*Documento sobre a perspetiva cristã
do desporto e da pessoa*

Título original: Dare il meglio di sé

© 2018, Libreria Editrice Vaticana – Cidade do Vaticano

Tradução: © 2018, Paulinas Editora

Tradutores: Maria do Rosário de Castro Pernas

Porfírio Pinto

Capa: Departamento Gráfico Paulinas

Pré-impressão: Paulinas Editora – Prior Velho

Impressão e acabamentos: Artipol – Artes Tipográficas, Lda. – Águeda

Depósito legal n.º 442 658/18

ISBN 978-989-673-648-4

© Junho 2018, Inst. Miss. Filhas de São Paulo

Rua Francisco Salgado Zenha, 11 – 2685-332 Prior Velho

Tel. 219 405 640 – Fax 219 405 649

editora@paulinas.pt

www.paulinas.pt

MENSAGEM DO SANTO PADRE

Ao Venerando Irmão

Senhor Cardinal Kevin J. Farrell

Prefeito do Dicastério para os Leigos, a Família e a Vida

Recebi com alegria a notícia da publicação do documento *Dar o melhor de si*, sobre a perspectiva cristã do desporto e a pessoa, que o Dicastério para os Leigos, a Família e a Vida preparou com o objetivo de salientar o papel da Igreja no mundo do desporto, e de como este pode ser um meio de encontro, de formação, de missão e de santificação.

O desporto é *um lugar de encontro* em que pessoas de todos os níveis e condições sociais se unem para alcançar um objetivo comum. Numa cultura dominada pelo individualismo e pelo descarte das gerações mais jovens e dos mais idosos, o desporto é um âmbito privilegiado em torno do qual as pessoas se encontram sem distinção de raça, sexo, religião ou ideologia, e onde podemos experimentar a alegria de competir para alcançar juntos uma meta, fazendo parte de uma equipa em que o êxito ou a derrota são partilhados e superados; isto ajuda-nos a pôr de parte a ideia de conquistar sozinho um objetivo, centrando-se em si mesmo. A necessidade do outro envolve não apenas os colegas de equipa, mas também o treinador, os adeptos, a família, em suma, todas as pessoas que com a sua entrega e dedicação tornam possível chegar a «dar o melhor de si». Tudo isto torna o desporto num catalisador de experiências de comunidade, de família humana. Quando um pai brinca ou joga com o seu filho, quando os jovens jogam juntos no parque ou na escola, quando o atleta ou desportista celebra a vitória com os seus adeptos, em todas estas situações é possível ver o valor do desporto como lugar de união e encontro entre pessoas. Os grandes objetivos, tanto no desporto como na vida, conseguem-se juntos, como equipa!

O desporto é também *um veículo de formação*. Hoje, talvez mais do que nunca, devemos fixar o olhar nos jovens, pois, quanto mais cedo se inicie o processo de formação, tanto mais fácil se dará o desenvolvimento integral da pessoa através do desporto. Sabemos como as novas gerações olham e se inspiram nos atletas! Por isso é necessária a participação de todos os atletas, de qualquer nível e idade, para que os que fazem parte do mundo do desporto sejam um exemplo em virtudes como a generosidade, a humildade, o sacrifício, a constância e a alegria. Devem de igual modo contribuir no que diz respeito ao espírito de equipa, ao apreço, competição e solidariedade com os demais. É essencial que todos sejamos conscientes da importância que

tem o exemplo na prática desportiva, ele é como o bom arado em terra fértil, que facilitará a colheita, sempre que se cuide e trabalhe adequadamente.

Por último, queria sublinhar o papel do desporto como *meio de missão e santificação*. A Igreja é chamada a ser um sinal de Jesus no meio do mundo, também através do desporto nos «oratórios», nas paróquias e nas escolas, nas associações, etc. É sempre ocasião de levar a mensagem de Cristo, «em tempo propício e fora dele» (2Tm 4,2). É importante levar, comunicar esta alegria que transmite o desporto, e que não é senão a descoberta das potencialidades da pessoa, que nos chamam a desvelar a beleza da criação e do próprio ser humano, pois está feito à imagem e semelhança de Deus. O desporto pode abrir o caminho a Cristo naqueles lugares ou ambientes em que, por diversos motivos, não é possível anunciá-lo diretamente. E as pessoas, com o seu testemunho de alegria, com a prática desportiva em comunidade, podem ser mensageiras da Boa-Nova.

Dar o melhor de si no desporto é, também, um chamamento a aspirar à santidade. Durante o recente encontro com os jovens, na preparação do Sínodo dos Bispos, manifestei a convicção de que todos os jovens ali presentes, fisicamente ou através das redes sociais, tinham o desejo e a esperança de dar o melhor de si. Eu utilizei a mesma expressão na recente exortação apostólica, recordando que o Senhor tem uma forma única e específica de chamamento à santidade para todos nós: «Importante é que cada crente discirna o seu próprio caminho e traga à luz o melhor de si mesmo, quanto Deus colocou nele de muito pessoal» (*Gaudete et exultate* [GE], 11).

É preciso aprofundar a estreita relação que existe entre o desporto e a vida, para que possam iluminar-se reciprocamente, de maneira que o afã de superação numa disciplina atlética sirva também de inspiração para melhorar sempre como pessoa em todos os aspetos da vida. Essa busca, com a ajuda da graça divina, encaminha-nos para aquela plenitude de vida a que chamamos santidade. O desporto é uma fonte riquíssima de valores e virtudes que nos ajudam a melhorar como pessoas. Como o atleta durante o treino, a prática desportiva ajuda-nos a dar o melhor de nós, a descobrir sem medo os nossos próprios limites e a lutar por melhorar cada dia. Desta forma, «cada cristão, quanto mais se santifica, tanto mais fecundo se torna para o mundo» (GE, 33). Portanto, para o desportista cristão, a santidade será viver o desporto como um meio de encontro, de formação da personalidade, de testemunho e de anúncio da alegria de ser cristão, com os que o rodeiam.

Peço ao Senhor, por intercessão da Virgem Santíssima, que este documento produza frutos abundantes tanto no compromisso eclesial em prol da pastoral do desporto, como além do âmbito da Igreja. A todos os desportistas e agentes de pastoral, que se reconhecem [membros]

da grande «equipa» do Senhor Jesus, peço-lhes, por favor, que rezem por mim e envio cordialmente a minha bênção.

Vaticano, 1 de junho de 2018.

Festa de São Justino, mártir.

Franciscus

I

RAZÕES E FINALIDADES DO DOCUMENTO

Para dar o melhor de si

Dar o melhor de si mesmo é um aspeto fundamental do desporto, para qualquer atleta que, individualmente ou em equipa, compita com todas as suas forças para obter o seu próprio resultado desportivo. Quando se dá o melhor de si mesmo, experimenta-se a satisfação e a alegria da realização pessoal. Acontece na vida tal como acontece na vivência da fé cristã. Cada um gostaria de dizer um dia, como São Paulo, «Combati o bom combate, terminei a corrida, permaneci fiel» (2Tm 4,7). Este documento pretende ajudar a compreender a relação entre dar o melhor de si mesmo no desporto e a fé cristã vivida em cada dia.

1.1. As motivações do documento

A Igreja como povo de Deus tem uma experiência rica e profunda da realidade humana e, com grande humildade, quer partilhá-la e pô-la à disposição de todo o mundo do desporto. A Igreja está próxima do mundo do desporto porque deseja contribuir para a construção e para o desenvolvimento de uma prática desportiva autêntica e orientada para a promoção humana.

Com efeito, «não há nada de genuinamente humano que não encontre eco»¹ no coração dos discípulos de Cristo. O desporto é um fenómeno universal que, no nosso tempo, assumiu uma nova importância, encontrando eco nos corações do povo de Deus.

A Igreja tem uma visão da pessoa como unidade de corpo, alma e espírito, e rejeita ideias de reducionismo no desporto que aviltam a dignidade da pessoa. «A Igreja interessa-se pelo desporto porque toma a peito o homem, todo o homem, e reconhece que a atividade desportiva incide sobre a formação da pessoa, sobre as suas relações e a sua espiritualidade»².

Este documento pretende oferecer uma breve apresentação da visão da Santa Sé e da Igreja católica sobre o desporto. Recentemente, tinha-se afirmado uma tendência – em parte devida ao modo pelo qual tem sido interpretada a história do desporto – para considerar que a Igreja católica tenha tido exclusivamente um pensamento e uma abordagem hostil em relação ao

¹ *Gaudium et spes*, n. 1.

² FRANCISCO, *Discurso* à Federação Italiana de Ténis, 8 de maio de 2015.

desporto, sobretudo na Idade Média e na primeira parte da Era Moderna, devido a uma atitude negativa em relação à corporeidade. Trata-se, na realidade, de uma má interpretação da atitude católica para com a corporeidade, registada nessas épocas históricas, que ignora as influências positivas que a tradição católica tem exercido sobre o desporto, do ponto de vista teológico, espiritual e educativo, valorizando-o plenamente do ponto de vista cultural³.

«A atitude cristã, tanto frente ao desporto como frente a outras expressões das faculdades naturais da pessoa, tais como a ciência, o trabalho, a arte, o amor, o empenho social e político, não é uma atitude de rejeição ou de fuga, mas de respeito, de estima e, até, de resgate e de elevação: numa palavra, de redenção»⁴. No desporto está presente um aspeto de redenção, quando o respeito pela dignidade da pessoa é a prioridade e o desporto está ao serviço do crescimento e do desenvolvimento integral da pessoa. Como diz o papa Francisco, «a ligação entre a Igreja e o desporto é uma bela realidade que se foi consolidando ao longo do tempo, porque a comunidade eclesial vê no desporto um instrumento válido para o crescimento integral da pessoa humana. A prática desportiva, com efeito, incita a uma saudável superação de si mesmo e dos próprios egoísmos, treina para o espírito de sacrifício e, se for bem orientada, favorece a lealdade nas relações interpessoais, a amizade e o respeito pelas regras»⁵.

A Igreja católica dirige este documento a todas as pessoas de boa vontade e pretende dialogar, de modo particular, com todas as pessoas e organizações que se empenham em defender os valores presentes na experiência desportiva.

Além disso, a Igreja deseja dedicar este documento a todos os fiéis católicos, a começar pelos bispos e sacerdotes, mas sobretudo aos leigos, que estão mais empenhados no mundo desportivo. É um documento que pretende falar a todos aqueles que amam e promovem o desporto, quer sejam atletas, professores, treinadores, pais ou pessoas para quem o desporto é uma profissão ou uma vocação.

Queremos, além disso, desenvolver estas reflexões pensando nos irmãos e irmãs na fé, que há mais de cinquenta anos se têm empenhado na evangelização e na promoção dos valores cristãos através do desporto⁶.

³ Cf. D. VANYSACKER, «The Catholic Church and Sport. A burgeoning territory within historical Research!», in *Revue d'histoire ecclésiastique*, Louvain Journal of Church History, 108 (2013), pp. 344-356.

⁴ JOÃO PAULO II, *Homilia* por ocasião do Jubileu dos desportistas, 12 de abril de 1984.

⁵ FRANCISCO, *Discurso* aos membros do Comité Olímpico Europeu, 23 de novembro de 2013.

⁶ Nos Estados Unidos, segundo J. Stuart Weir, os capelães desportivos do mundo profissional iniciaram o ministério com os jogadores na primeira metade dos anos sessenta do século passado. Escreve ainda que John Jackson foi o primeiro capelão oficial de uma sociedade de futebol profissional inglês, tendo sido nomeado em 1962. J. STUART WEIR, «Sports Chaplaincy: A Global Overview», in *Sports Chaplaincy: Trends, Issues and Debates*, ed. de A. PARKER, N. J. WATSON e J. B. WHITE, Londres, 2016.

Como poderia a Igreja desinteressar-se?

Ao longo da sua história, a Igreja tem apoiado a beleza nas artes, na música e em muitos outros âmbitos de atividade humana. O motivo fundamental é que a beleza provém de Deus e, por isso, como criaturas por Ele amadas, também nós desfrutamos dela. O desporto oferece-nos a oportunidade de sermos atores participantes nessa beleza ou espetadores que a admiram. Deste modo, o desporto tem o poder de nos recordar que a beleza é um dos caminhos para nos encontrarmos com Deus.

Hoje em dia, aliás, a universalidade da experiência do desporto, a sua força comunicativa e simbólica, as suas grandes potencialidades educativas e formativas, são reconhecidas e evidentes. O desporto tornou-se um fenómeno de civilização que habita de pleno direito na cultura contemporânea, permeando os estilos e as opções de vida de muita gente. Isso impele-nos a repropor a interrogação retórica de Pio XII: «Como poderia a Igreja desinteressar-se dele?»⁷.

Pio XII e, mais tarde, Paulo VI abriram fortemente o diálogo entre a Igreja e o mundo do desporto no século XX, valorizando os aspetos que aproximam e interligam os ideais do desporto à vida cristã: «Esforço físico, qualidades morais, amor pela paz: sobre estes três pontos, o diálogo que a Igreja trava com o mundo do desporto é sincero e cordial. É nosso desejo que seja cada vez mais vasto e fecundo»⁸.

A importância da pastoral no desporto: uma missão essencialmente educativa

O diálogo entre Igreja e desporto tem produzido e continua a produzir uma variegada proposta de pastoral desportiva, em particular no mundo escolar, paroquial e associativo. João Paulo II apoiou este processo, quer no magistério quer na opção de abrir pela primeira vez, no interior da Santa Sé, um departamento dedicado ao desporto.

«A Igreja deve estar na linha da frente para elaborar uma pastoral do desporto adequada às necessidades dos desportistas e, sobretudo, para promover um desporto que crie as condições necessárias a uma vida rica de esperança»⁹. A Igreja não se limita a incentivar uma qualificada

⁷ PIO XII, *Discurso* aos desportistas romanos, 20 de maio de 1945.

⁸ PAULO VI, *Saudação* aos membros do Comité Olímpico Internacional, 28 de abril de 1966.

⁹ JOÃO PAULO II, *Discurso* por ocasião do Convénio Nacional da CEI, 25 de novembro de 1989.

prática desportiva, mas quer estar «dentro» do desporto, visto como um moderno Pátio dos Gentios e um areópago onde anunciar o Evangelho.

O magistério da Igreja apela continuamente à necessidade de promover «um desporto para a pessoa» capaz de dar sentido e plenitude à vida, capaz de valorizar integralmente a pessoa, o seu crescimento pessoal e moral, social, ético e espiritual. O interesse da Igreja pelo desporto concretiza-se numa presença pastoral variada e difusa, tendo como ponto de partida e como fim o interesse pelo ser humano.

1.2. A Igreja e o desporto até ao nosso tempo

A Igreja tem dialogado com o desporto desde os primeiros anos da sua existência. É sabido que São Paulo usava metáforas desportivas para explicar a vida cristã aos gentios. Durante a Idade Média, leigos católicos participavam em jogos e atividades desportivas nos dias de festa, que não eram poucos, bem como ao domingo. Essa atividade lúdica encontrou apoio teológico no pensamento de Tomás de Aquino, que escreveu sobre a existência de uma «virtude nos jogos», visto que a virtude deve ser praticada com moderação. Por esse motivo, uma pessoa virtuosa não deveria trabalhar continuamente, mas precisava de um tempo para o jogo e para o recreio. Os intelectuais humanistas do Renascimento, tal como os primeiros jesuítas, fizeram suas as reflexões sobre as virtudes de Tomás de Aquino, pondo em destaque a importância de que, durante a jornada escolar, houvesse tempo para o jogo e o recreio. Foi esta a origem da inclusão do jogo e do desporto no interior das instituições escolares do mundo ocidental¹⁰.

Além disso, desde o início da Modernidade, a Igreja tem manifestado interesse pelo fenómeno desportivo, apreciando o seu potencial educativo e partilhando muitos dos seus valores, e tem-se prodigalizado ativamente na promoção do desenvolvimento do próprio desporto, de modo organizado e estruturado.

O desporto moderno é fruto da Revolução Industrial, encontrando nas mudanças sociais, políticas e económicas desta época um terreno fértil para a difusão e a afirmação a nível global. O desporto é um fruto da modernidade, tendo-se feito porta-estandarte da mesma.

Atualmente o desporto tem vindo a transformar-se profundamente e a sofrer fortes pressões de mudança. É nossa esperança que o desporto saiba reger a mudança e não se limitar a sofrê-la,

¹⁰ Cf. P. KELLY, SI, *Catholic perspectives on sports. From Medieval to modern times*, Mahwah NJ, 2012.

redes-cobrando e mantendo firmes os princípios tão caros ao desporto antigo e moderno: ser experiência de educação e de promoção do ser humano.

Em 1904, Pio X abriu as portas do Vaticano ao desporto, acolhendo um espetáculo juvenil de ginástica. As crónicas da época não esconderam o assombro frente a essa abertura. Há uma pequena história segundo a qual Pio X, frente à pergunta perplexa de um sacerdote da Cúria – «Onde é que nós vamos parar?» –, teria respondido: «Ao Paraíso, meu caro!»¹¹.

No entanto, sem sombra de dúvida, foi São João Paulo II que levou o empenho e o diálogo com o mundo do desporto aos níveis mais altos da Igreja e das suas hierarquias. Depois do Jubileu de 2000, após o encontro com oitenta mil jovens atletas reunidos no Estádio Olímpico de Roma, decidiu criar a Secção Igreja e Desporto, que, desde 2004, tem estudado e promovido uma visão cristã do desporto, centrada na construção de uma sociedade cada vez mais à medida da pessoa, virada para a paz e a justiça, e orientada para a evangelização.

Não um desporto cristão, mas uma visão cristã do desporto

Mesmo quando nasceram federações e associações desportivas de carácter internacional ou nacional de matriz declaradamente católica, a finalidade não foi criar um desporto «cristão», diferente, separado ou alternativo ao desenvolvimento desportivo, mas oferecer um modo de viver o desporto fundado sobre a ideia cristã do ser humano e da sociedade.

Esse cuidado levou rapidamente ao amadurecimento de uma visão do desporto. Num dos seus documentos sobre o tema, a Conferência Episcopal Italiana escreveu que «embora não exista um desporto cristão, é plenamente legítima uma visão cristã de desporto, que não se limita a conferir ao mesmo os valores éticos universalmente partilhados, mas apresenta uma perspectiva própria, inovadora e coerente, na convicção de que assim presta um serviço quer ao desporto quer à pessoa e à sociedade»¹².

«Sem prejudicar e invalidar de modo algum a especificidade própria do desporto, o património da fé cristã livra essa atividade de ambiguidades e desvios, favorecendo uma sua plena realização»¹³. O cristianismo não é, portanto, uma «marca de qualidade ética» do desporto, uma

¹¹ Cf. A. STELITANO, A. M. DIEGUEZ, Q. BORTOLATO, *I Papi e lo sport. Oltre un secolo di incontri e interventi da San Pio X a Papa Francesco*, Vaticano, Libreria Editrice Vaticana, 2015, pp. 4-5.

¹² CONFERÊNCIA EPISCOPAL ITALIANA, *Sport e Vita cristiana*, n. 32.

¹³ *Ibidem*, n. 11.

etiqueta justaposta, mas exterior ao mesmo. O cristianismo propõe-se como valor acrescentado, capaz de conferir plenitude à experiência desportiva.

1.3. Objetivo do documento

A Igreja valoriza o desporto em si, como um ginásio de vida em que as virtudes da temperança, da humildade, da coragem e da paciência podem ser interiorizadas e feitas próprias, em que é possível encontrar-se com aquilo que é belo, bom e verdadeiro, em que é possível testemunhar a alegria de viver. Tal experiência pode ser vivida por pessoas de nações e comunidades de todo o mundo, sem diferenças de nível ou tipologia do desporto. É isso que torna o desporto um fenómeno moderno de alcance global e que, por isso, interessa vivamente à Igreja.

Ela pretende incrementar a sua própria voz ao serviço do desporto e sente-se corresponsável por ele, por salvaguardá-lo de desvios que o ameaçam diariamente, como a corrupção e a desonestidade, as manipulações e a exploração comercial.

«O desporto é alegria de viver, jogo, festa e, como tal, deve ser valorizado e talvez resgatado [...] dos excessos do tecnicismo e do profissionalismo mediante a recuperação da sua gratuidade, da sua capacidade de estabelecer vínculos de amizade, de favorecer o diálogo e a abertura entre uns e outros, como expressão da riqueza do ser, muito mais válida e apreciável do que o ter, e, portanto, muito acima das duras leis da produção e do consumo e de qualquer outra consideração puramente utilitarista e hedonista da vida»¹⁴. Sobre estes temas, a colaboração entre a Igreja e o desporto dará grandes frutos.

A Igreja deseja estar ao serviço de todos aqueles que atuam no mundo do desporto, desde aqueles que são profissionais e trabalhadores, até todos aqueles que estão empenhados como voluntários, funcionários envolvidos nas competições, juízes-árbitros de prova, treinadores, professores, dirigentes, pais e atletas.

Depois de ter descrito as motivações e os objetivos de um diálogo entre a Igreja e o mundo do desporto, no primeiro capítulo, o documento ilustrará, no segundo capítulo, o fenómeno do desporto desde as suas origens até hoje, refletindo sobre a definição de desporto e sobre a relevância do desporto no contexto mundial. O terceiro capítulo prosseguirá, entrando a fundo na reflexão antropológica sobre o desporto e, em particular, sobre a importância da pessoa como unidade de corpo, alma e espírito. Assim, o documento dirá como o desporto pode dar resposta

¹⁴ JOÃO PAULO II, *Homilia* por ocasião do Jubileu dos Desportistas, 12 de abril de 1984.

à busca do significado último da vida e como pode promover a liberdade e a criatividade da pessoa. Nessa busca de sentido, a prática desportiva é experiência de justiça, sacrifício, alegria, harmonia, coragem, igualdade, respeito e solidariedade. No pensamento cristão, esse significado profundo é a plena felicidade que se vive na experiência do amor e da misericórdia globalizante de Deus, na relação com Jesus Cristo, no Espírito Santo, vivida na comunidade dos fiéis.

No quarto capítulo, serão apresentados alguns desafios lançados à promoção de um desporto justo e plenamente humano, entre os quais o aviltamento do corpo, o *doping*, a corrupção e as eventuais influências negativas dos espectadores. A Igreja partilha com os protagonistas do desporto a responsabilidade de identificar os desvios e os comportamentos negativos e de orientar o desporto pelo caminho da promoção humana. Por fim, no quinto capítulo, será apresentado o atual empenho da Igreja na humanização do desporto no mundo de hoje. O desporto, nos seus diversos âmbitos, representa um eficaz instrumento de educação e formação para os valores.

Muitos temas relativos às potencialidades e aos desafios lançados ao desporto não foram abordados neste documento, mas este não pretende ser uma súmula exaustiva da teoria e da práxis do desporto, mas, antes, descrever a relação entre o desporto e a experiência de fé.

II

O FENÓMENO DO DESPORTO

O desporto é um fenómeno universal. Em qualquer lugar e em qualquer época, os homens têm vivido em comunidade, deleitando-se com jogos, com exercícios de motricidade, desfrutando do aperfeiçoamento das próprias aptidões físicas e competindo entre si. É provável que o ser humano tenha praticado, desde sempre, várias formas de atividade que nós hoje definiríamos como desportivas. Partindo desse cenário, podemos dizer que o desporto é uma constante antropológica da humanidade. A palavra «desporto» é, certamente, muito mais recente: deriva da antiga expressão francesa *desporter* ou *se desporter*, que, por sua vez, é uma derivação do latim *de(s)portare*, que significa divertimento. Por fim, na Modernidade, foi cunhada a abreviatura «*sport*» e, a partir de então, este termo é usado para descrever a multiplicidade de atividades que apaixonam tantas pessoas, quer como atletas quer como espetadores¹⁵.

Como já foi dito anteriormente, com este documento a Igreja pretende explicitar a sua ideia de desporto, ao serviço do próprio movimento desportivo. Pretende, por isso, esclarecer o significado antropológico do desporto, pôr em destaque os desafios a enfrentar e as oportunidades para a pastoral. Antes de tudo isso, será útil aprofundar a reflexão sobre o fenómeno do desporto em si, partindo, por exemplo, da forma como nasce o desporto e de quais são as suas principais características. Além disso, será importante entender as múltiplas relações existentes entre o desporto e o contexto social mais alargado em que ele se desenvolve.

2.1. O nascimento do desporto moderno

Todas as culturas têm desenvolvido historicamente atividades de tipo lúdico, físico e competitivo, que poderíamos reconhecer de certo modo como atividades desportivas. O desporto, portanto, existe desde o alvorecer da história humana. Dito isto, São João Paulo II descreveu o desporto como «um dos fenómenos típicos da Modernidade, quase um “sinal dos tempos” capaz de interpretar novas exigências e novas expectativas da humanidade». O desporto, continuava, «espalhou-se por todos os confins da terra, superando as diversidades entre culturas e nações»¹⁶. Aquilo que o Papa pretendia sublinhar era que o desporto, embora transversal às épocas históricas, tinha sofrido uma mudança radical nos últimos dois séculos.

¹⁵ P. GUMMERT, «Sport», in *Brill's New Pauly*, ed. de Hubert Cancik e Helmuth Schneider, edição inglesa de: Christine F. SALAZAR, Classical tradition volumes edited.

¹⁶ JOÃO PAULO II, *Homilia* por ocasião do Jubileu dos Desportistas, 29 de outubro de 2000.

Nos períodos históricos precedentes, o desporto tinha-se moldado e adequado à cultura de pertença. No desporto moderno, pelo contrário, tem penetrado em quase todas as culturas, ultrapassando os confins nacionais e as diversidades culturais. É certo que ainda existem formas locais de desporto, granjeando vasta popularidade, mas, a par destas, cresceu um tipo de *desporto global* que, como linguagem universal, pode ser entendido por quase todos os seres humanos. Chegados a este ponto, convém interrogarmo-nos sobre como o desporto se tornou um fenómeno de alcance planetário.

Já a partir dos séculos XVI-XVII, muitas atividades desportivas – embora não todas¹⁷ – do mundo ocidental desligaram-se do contexto cultural e religioso em que estavam anteriormente inseridas. Isso não significa, decerto, que o desporto se tornou um fenómeno separado e distinto. Neste período, porém, podemos observar um princípio de institucionalização, profissionalização e comercialização¹⁸. A autonomia crescente do desporto, unida à redescoberta dos ideais pedagógicos da Antiga Grécia, deu início a um desenvolvimento ao longo do qual as atividades físicas foram sendo consideradas cada vez mais importantes no percurso de educação integral da pessoa. Um longo fio vermelho que uniu vários pedagogos – desde John Amos Comenius (1592-1670), passando pelo fundador do movimento filantrópico Johann Bernhard Basedow (1724-1790), para chegar a Thomas Arnold (1795-1842) – assumiu como sua esta ideia de educação integral, transferindo-a para os percursos formativos, dando grande importância à educação física.

De um modo geral, podemos fazer remontar o desporto moderno a duas matrizes: por um lado, os jogos e as competições desenvolvidos nas escolas públicas inglesas a partir da primeira metade do século XIX; por outro, os exercícios de motricidade e de ginástica surgidos no âmbito do movimento de reforma pedagógica do Filantropismo e subsequentemente estruturados na Suécia. Relativamente ao primeiro filão, poderíamos mencionar que os mais antigos jogos, competições e atividades lúdicas foram incorporados no interior dos percursos didáticos das escolas públicas inglesas. Como componente central da formação pública, o desporto foi-se difundindo gradualmente por todos os estratos da sociedade britânica. Quando a Grã-Bretanha se tornou uma potência global, o sistema educativo foi transferido para todas as regiões do Império Britânico. Resta-nos ainda dizer que, apesar de tudo, houve formas de resistência a este processo, como, por exemplo, a Associação Atlética Gaélica na Irlanda.

Algum tempo antes, tinha surgido o Filantropismo, que exerceu um certo impacto sobre a reforma do sistema escolar público britânico. Por outro lado, já se tinha difundido, com

¹⁷ Cf. P. KELLY, *o.c.*

¹⁸ W. BEHRINGER, *Kulturgeschichte des Sports: Vom antiken Olympia bis ins 21. Jahrhundert*, Munique 2011, pp. 198-238.

dinâmicas próprias, no continente europeu e na Escandinávia. Originalmente, o Filantropismo era um ideal pedagógico que apelava a uma visão integral da educação. Esta abordagem educativa não incluía apenas atividades físicas, como a ginástica, mas também tentava promover o reconhecimento da igualdade entre as pessoas e formar para a democracia. Esta ideia foi desenvolvida na Suécia, onde a ginástica se tornou parte integrante do sistema escolar. Do mesmo modo, a educação física era de aplicação funcional nos percursos educativos militares, estéticos e de saúde. A importância do sistema sueco manifesta-se sobretudo por ter tido particular influência no desenvolvimento do desporto feminino¹⁹.

Em finais do século XIX, Pierre de Coubertin uniu as diversas tradições, fazendo-as confluir na Ideia Olímpica. A finalidade de De Coubertin era fazer nascer um programa pedagógico global para educar as jovens gerações de todo o mundo. Os seus principais objetivos eram educar para a paz, a democracia, a cultura do encontro e a busca da perfeição humana. Para difundir a Ideia Olímpica, De Coubertin fez nascer (ou renascer) as Olimpíadas. O objetivo original dos Jogos Olímpicos não era apenas de tipo desportivo e competitivo, mas também celebrar a nobreza e a beleza da humanidade. O lema olímpico, *citius, altius, fortius* (mais veloz, mais alto, mais forte) – que De Coubertin tinha retomado do dominicano Henri Didon²⁰ – não se referia apenas à excelência física, mas à excelência humana em geral. Por isso, as exposições das artes, da música e da poesia também eram consideradas parte fundamental dos Jogos. De qualquer modo, devemos recordar que, para De Coubertin, o Olimpismo era sem dúvida uma religião laica, que ele definiu explicitamente como *religio athletae*. Como se pode observar facilmente pela elevada taxa de ritualização das cerimónias de abertura, bem como das entregas de prémios ou da cerimónia de encerramento, o desenvolvimento efetivo dos Jogos sublinha com determinação a ambição de natureza religiosa.

A primeira edição dos Jogos Olímpicos da era moderna teve lugar em Atenas, no ano de 1896, embora já anteriormente tivessem tido lugar edições locais de Jogos Olímpicos na Grécia, Inglaterra e Alemanha. Contudo, só a iniciativa de De Coubertin obteve o re-conhecimento internacional e alcançou o êxito: a partir desse momento, os desportos olímpicos conheceram um crescimento sem precedentes. No início dos anos de 1900, as portas das Olimpíadas também se abriram para as mulheres. Outro elemento que pode explicar o grande sucesso do desporto foi certamente o advento dos meios de comunicação na primeira metade do século XX. Através do cinema, da rádio e da televisão, os grandes eventos desportivos foram facilmente transmitidos para muitos países e, mais tarde, a nível mundial. Graças aos meios de

¹⁹ *Ibidem*, p. 257.

²⁰ Cf. N. MÜLLER, «Die olympische Devise ‘*citius, altius, fortius*’ und ihr Urheber Henri Didon», in WISSENSCHAFTLICHE KOMMISSION DES ARBEITSKREISES KIRCHE UND SPORT (ed.), *Forum Kirche und Sport 2*, Düsseldorf, 1996, pp. 7-27.

comunicação e à internet, o desporto é hoje um fenómeno global a que grande parte das nações e das populações têm acesso.

Embora, na maior parte dos casos, o desporto já não ambicione ser uma religião ou ter uma ligação sinérgica com as artes, a música ou a poesia, ainda se mantém o risco de que possa ser instrumentalizado para propostas ideológicas. Isso nasce do facto de que no desporto o corpo tende para a perfeição. De modo particular, nos grandes eventos desportivos como os Jogos Olímpicos ou os Campeonatos Mundiais, a prestação atlética dos desempenhos de alto nível é exibida diante do grande público. O corpo do atleta de alta prestação tem um valor simbólico que, no entanto, se presta a diversas leituras e a vários significados.

Portanto, o desporto – e em particular o de alto nível – é muitas vezes instrumentalizado para finalidades políticas, comerciais ou ideológicas²¹. Se, por um lado, esta elasticidade de interpretação favorece a atração exercida pelo desporto a nível global, por outro, põe a descoberto os perigos associados ao desporto. O desporto é um sinal dos tempos altamente expressivo, mas, ao mesmo tempo, dificilmente controlável, o que não ajuda à sua compreensão. Por isso, poderia estar sujeito à instrumentalização ideológica ou até imoral ou desumanizante²².

Como afirmam alguns estudiosos, o desporto pode estar sujeito a finalidades ideológicas quando o campo de jogos se presta a uma propaganda a favor dos países ocidentais e ricos, e quando, mais simplesmente, o desporto se presta a reforçar as estruturas de poder existentes ou a promover a visão cultural de uma elite²³. A reflexão do papa Francisco sobre a globalização oferece um contributo para estes problemas do desporto global. Em relação à tensão inerente entre a dimensão global e a dimensão local, o Santo Padre escreve, na *Evangelii gaudium*, que «é necessário prestar atenção à dimensão global para não cair numa mesquinhez quotidiana. Ao mesmo tempo, não convém perder de vista aquilo que é local, que nos faz caminhar com os pés na terra [...]. O modelo não é a esfera [...], em que cada ponto é equidistante do centro e não há diferenças entre um ponto e outro. O modelo é o poliedro, que reflete a confluência de todas as parcialidades que nele mantêm a sua originalidade. Quer a ação pastoral quer a ação política tentam reunir, nesse poliedro, o melhor de cada um»²⁴. Quanto aos eventos desportivos de

²¹ Cf. D. VANYSACKER, «The attitude of the Holy See toward sport during the Interwar Period (1919-39)», in *Catholic Historical Review*, 101 (2015) 4, pp. 794-808; ver também IDEM, «La position du Saint-Siège sur la gymnastique féminine dans l'Allemagne de L'entre-deux-guerres (1927-1928) à partir de quelques témoignages tirés des archives des nonciatures de Munich et Berlin», in *Miscellanea Pagano*.

²² Cf. C. HÜBENTHAL, «Morality and Beauty: sport at the Service of the Human Person», in *Sport and Christianity: A Sign of the Times in the Light of Faith*, ed. de K. LIXEY, C. HÜBENTHAL, D. MIETH, N. MÜLLER, Washington DC, 2012, pp. 61-78.

²³ Cf. H. REID, *Introduction to the Philosophy of Sport*, Lanham, MA, 2010, pp. 180-185.

²⁴ FRANCISCO, *Evangelii gaudium*, nn. 234, 236.

carácter global, como os Jogos Olímpicos, se um maior número de nações não ocidentais fossem mais valorizadas na escolha das sedes dos Jogos ou no reconhecimento das disciplinas olímpicas e tivessem maior peso no interior do Comité Olímpico Internacional, os próprios Jogos Olímpicos evidenciarão de forma ainda mais eficaz a sua missão de serem verdadeiramente globais e de serem descobertos o melhor de cada país.

2.2. O que é o desporto?

Durante muito tempo, filósofos do desporto e estudiosos têm procurado identificar uma definição adequada ao desporto. Não é uma tarefa fácil, inclusive porque, até hoje, não existe uma definição geralmente partilhada. Além disso, devemos dizer que o desporto é um fenómeno sujeito às mudanças históricas. Aquilo que hoje se considera desporto poderia já não o ser amanhã, e vice-versa. Assim, será complicado encontrar uma definição de desporto. Todavia, isso não significa que não se possam identificar alguns elementos gerais universalmente atribuídos ao desporto.

Em primeiro lugar, o conceito de desporto está ligado ao *corpo humano em movimento*. É verdade que há atividades que são contadas entre as desportivas e que não implicam movimento corporal, mas, de um modo geral, o desporto é identificado como uma atividade de pessoas que, individualmente ou em grupo, fazem exercícios físicos e de movimento com o próprio corpo.

Em segundo lugar, devemos referir o facto de que o desporto é um jogo. Isso significa que o desporto não é uma atividade funcional ou útil para atingir um objetivo exterior a si próprio, mas a sua finalidade encontra-se na própria pessoa. Como objetivos internos, por exemplo, podemos citar a busca da perfeição do gesto técnico, a melhoria de uma prestação pessoal ou a superação do resultado de um adversário e o jogar bem como equipa para vencer uma competição. Não se pode negar que o desporto moderno, em particular o profissional, está vinculado a finalidades externas, como, por exemplo, dignificar uma nação, mostrar a supremacia de determinado sistema político ou, mais simplesmente, ganhar dinheiro. No entanto, se essas finalidades exteriores predominassem sobre as finalidades internas do desporto, já não se poderia falar de jogo, mas de trabalho. Aliás, os desempenhos dos atletas profissionais nunca poderiam alcançar níveis de excelência se, a par da dimensão do profissionalismo, não houvesse também a dimensão lúdica.

Em terceiro lugar, o desporto é codificado segundo *regras*. Os objetivos próprios da atividade desportiva não podem, portanto, ser alcançados em qualquer modalidade, mas é necessário atear-se às regras do jogo. Geralmente as regras destinam-se a tornar mais difícil alcançar o resultado. Na natação, por exemplo, um atleta não pode cobrir a distância de cem metros utilizando um

barco a motor ou correndo ao longo da borda da piscina, mas é obrigado a nadar na água, sem instrumentos e com um estilo particular, por exemplo, estilo livre ou mariposa. É certo que a austeridade das regras pode ser moldada segundo o nível da competição. Um atleta amador, que corre três vezes por semana uma certa distância, provavelmente estabelecerá como regra apenas não correr mais lentamente do que da vez anterior, ao passo que uma competição profissional de alto nível é codificada mediante complexos regulamentos cujo respeito é monitorizado por juízes e árbitros qualificados, bem como por equipas de especialistas. Um desporto sem regras é praticamente inconcebível.

Um quarto elemento que caracteriza o desporto é a competição. Poder-se-ia objetar que um desportista amador que se treine esporadicamente e só por prazer ou diversão pessoal não está envolvido numa competição. Na realidade, isso não é completamente verdade, porquanto também ele compete consigo mesmo, tentando melhorar a sua *performance* ou prestação em relação ao passado, cobrindo uma certa distância, correndo, nadando ou escalando, dentro de um tempo limite preestabelecido, e assim de seguida. De qualquer modo, na maior parte dos casos, o aspeto competitivo no desporto está muito mais desenvolvido, a ponto de se poder concluir que a competição é uma característica fundamental do desporto.

A última componente do desporto está relacionada com as anteriores: o desporto, como competição estruturada e com regras codificadas, garante uma igual *oportunidade* de participação. Não faria sentido ter uma competição, individual ou de equipa, em que as condições à partida entre os adversários fossem claramente desiguais. É por essa razão que as competições desportivas não se costumam distinguir segundo o género, o nível de prestação, classes de idade ou de peso, graus de incompetência, etc.

Somando estes cinco elementos, poderíamos dizer que *o desporto é uma atividade física em movimento, individual ou de grupo, de carácter lúdico e competitivo, codificada mediante um sistema de regras, que gera uma prestação confrontável com outras em condições de iguais oportunidades*. Como já foi recordado anteriormente, tal definição de desporto não pretende ser exaustiva, visto que representa numerosos aspetos com diversos gradientes²⁵. Apesar disso, isto pode bastar para o propósito deste documento.

Contudo, ainda há outra coisa a acrescentar. Como já esclarecemos, o desporto não é apenas uma atividade autossuficiente, mas também tem uma dimensão exterior. Afinal de contas, mesmo quem não pratica diretamente uma atividade desportiva pode interessar-se por esta a

²⁵ Numa linha semelhante, o historiador do desporto Allen Guttmann utilizou uma distinção dual para definir o desporto. Partindo da categoria geral do jogo (*play*), acabou por definir o desporto como um jogo organizado (*game*), de carácter competitivo (*contest*), de tipo físico (*sport*). Ver A. GUTTMANN, *A Whole New Ball Game: An Interpretation of American Sports*, Chapel Hill-Londres, 1988.

partir do exterior, comentá-la, apaixonar-se por ela, divertido ou contrariado, e pode comentar essa atividade de muitas formas diferentes. Retomando quanto já foi dito, o corpo humano em movimento é um símbolo que se presta a diversas leituras. Depois de ter explicado a dimensão lúdica, a importância das regras e da competição, é necessário aprofundar essa pluralidade interpretativa do desporto. Em certo sentido uma competição desportiva pode ser considerada a narração de uma história entre duas ou mais partes concorrentes que competem entre si para obter um prémio fictício e virtual sem serem movidos por uma motivação vital ou estritamente concreta ou utilitarista. Respeitando as regras específicas da competição, os concorrentes esforçam-se por dar o melhor de si. Suplantando as motivações pessoais individuais, as partes concorrentes encenam uma representação estética e artística compreensível a todos, inclusive aos espectadores externos, e em que todos são capazes de ser protagonistas, dando o seu próprio nível de leitura e interpretação. Como no caso das obras artísticas, a narração desportiva também não tem um conteúdo claro, distinto e unívoco e, por isso, está aberta a diversas e também opostas atribuições de significado ou interpretações.

Para concluir esta reflexão sobre o conceito de desporto, podemos afirmar agora que, por um lado, o desporto é um tipo de *mundo autossuficiente*, no qual emerge a dimensão do jogo, que, em termos abstratos, não persegue finalidades exteriores a si próprio. Aliás, o «sistema desporto» também tem um lado exterior que se apresenta a quem o olha de fora como uma narração altamente expressiva, mas sem um conteúdo unívoco e claro, prestando-se assim a variadas formas de interpretação e juízo. É essa multiplicidade interpretativa que torna o desporto tão fascinante para os povos de todo o mundo, mas que, ao mesmo tempo, o expõe a instrumentalizações funcionais e ideológicas que não lhe competem.

2.3. Os contextos do desporto

Sobre o desporto ainda há muito que dizer, visto que ele não existe sem um contexto organizado. Em primeiro lugar, devemos pensar no desporto como numa forma de organização social, que começa com um grupo de crianças com as quais se marcou encontro certa tarde, no pátio, para jogar futebol ou basquete. Já isso, um encontro marcado a uma certa hora, num lugar preciso, é um princípio de organização. Como acontece nas formas mais avançadas de atividade desportiva, os treinos devem ser preparados, as competições devem ser programadas, os campos de jogos devem ser identificados e mantidos, as deslocações dos atletas e dos materiais devem ser planificadas, os árbitros devem ser convocados, os resultados das competições homologados, etc. Para um grande evento desportivo, é necessário prever o sistema de justiça

desportiva, o controlo *antidoping*, os preparativos. Tudo isso é função das organizações desportivas, tais como as sociedades desportivas e as organizações nacionais e internacionais. De um modo geral, o conjunto de tais realidades é conhecido como *sistema desportivo*.

É evidente que o sistema desportivo não é capaz de gerar no seu interior todos os recursos necessários para se manter. Para tornar possíveis as atividades acima enumeradas, o sistema desportivo precisa de benfeitores externos – como, por exemplo, os voluntários, apoios das instituições públicas, financiamentos privados (doações ou patrocínios) – e, em particular, de utentes que comprem os bilhetes, os artigos de *merchandising* ou as subscrições dos programas desportivos televisivos. Só assim o sistema desportivo poderá dispor dos recursos necessários para o seu sustento. Esta *dependência estrutural* do sistema desportivo explica por que razão este último deve promover constantemente uma imagem atraente do desporto para os contribuintes exteriores. Por outras palavras, o sistema desportivo deve preocupar-se por que a imagem do desporto seja sempre capaz de atrair potenciais benfeitores, a fim de que os seus contributos mantenham ou incrementem o próprio sistema. Isso, pelo efeito de cascata, leva a «vender» o desporto como uma proposta capaz de se adaptar, caso a caso, aos vários interesses dos potenciais benfeitores. É assim que o desporto se transforma num produto que promete satisfazer os interesses de diversos sujeitos, grupos ou instituições. É esse o motivo pelo qual o sistema desportivo se dispõe, tão fácil e prontamente, a sujeitar-se a fins ideológicos, políticos ou económicos alheios aos próprios valores do desporto, pois, caso contrário, não estaria em condições de garantir os recursos necessários para a sua própria sobrevivência.

Precisamente porque o desporto, como vimos, é uma narração expressiva com conteúdos a que se podem atribuir múltiplos significados, o sistema desportivo em geral desenvolveu uma grande capacidade de utilizar esse aspeto do desporto para mobilizar recursos exteriores, intercetando potenciais benfeitores que usam o desporto para comunicarem as mensagens que lhes interessam. Isso é visível, por exemplo, nas parcerias com empresas comerciais e publicitárias das quais beneficiam tanto os atletas como as organizações desportivas. Neste caso, o desporto passa a ser um veículo para transmitir mensagens de tipo económico.

A dependência estrutural do sistema desportivo acima descrita não é necessariamente um aspeto negativo, visto que o desporto pode perseguir finalidades eticamente aceitáveis ou, inclusive, profundamente humanas. Por exemplo, se as instituições públicas pretendem financiar o sistema desportivo porque este promete melhorar a saúde dos cidadãos ou promover uma educação integral das jovens gerações, certamente não se pode dizer que o sistema desportivo esteja errado ao apresentar o desporto como uma atividade que persegue essas finalidades. Por outro lado, é igualmente evidente que essa dependência estrutural do sistema desportivo implica

riscos significativos. Se, por exemplo, é possível gerar uma grande quantidade de recursos fazendo depender o sistema desportivo do sistema económico ou de sistemas ideológicos, então a inclinação para deles depender será forte, mesmo que os propósitos servidos sejam eticamente duvidosos ou desumanos. Isto será aprofundado com maior detalhe no quarto capítulo.

III

UM DESPORTO PARA O SER HUMANO

3.1. Corpo, alma e espírito

É habitual encontrar estudos de carácter histórico que estigmatizam a atitude católica relativamente à corporeidade, etiquetando-a como profundamente negativa, mas, na realidade, a tradição teológica e espiritual do catolicismo tem sublinhado que o mundo material (e tudo aquilo que existe) é bom enquanto criação de Deus e que a pessoa é uma unidade de corpo, alma e espírito. Com efeito, os teólogos dos primeiros séculos e da Idade Média envidaram todos os esforços por criticar os gnósticos e os maniqueus, em particular porque estes grupos associavam o mundo material e o corpo humano ao diabo. Uma das contestações dos autores cristãos era a de que os gnósticos e os maniqueus não aceitavam as Escrituras hebraicas dentro das Escrituras cristãs, e por isso não aceitavam a passagem do Génesis onde se diz que Deus, depois de ter criado o mundo e o ser humano, disse que era tudo «muito bom». Pelo contrário, estes grupos construíram complexas elaborações mitológicas sobre a origem do mundo material, associando-o a um «erro» ou a um «princípio maligno».

É este o motivo pelo qual consideravam o mundo material e o corpo humano como que contraposto àquilo que é plenamente espiritual. Em 1979, São João Paulo II falou aos futebolistas italianos e argentinos precisamente desta controvérsia: «Devemos recordar, a este propósito, que já os pensadores cristãos dos primeiros séculos se opuseram com decisão a certas ideologias, então em voga, que se caracterizavam por uma clara desvalorização do corpóreo, conduzida em nome de uma mal-entendida exaltação do espírito: com base nos dados bíblicos, afirmaram, pelo contrário, com força, uma visão unitária do ser humano»²⁶.

Esta visão unitária da pessoa humana foi expressa nas Escrituras, e pelos teólogos, quer como unidade de corpo, alma e espírito, quer como unidade de corpo e alma. A compreensão de tal unidade da pessoa influenciou a forma da atitude cristã frente ao desporto. Em conformidade com João Paulo II, a Igreja olha o desporto com estima, visto que este valoriza «tudo aquilo que contribui de forma construtiva para o desenvolvimento harmonioso e integral da pessoa, alma e corpo. Encoraja, portanto, tudo o que tende a educar, desenvolver e fortalecer o corpo

²⁶ JOÃO PAULO II, *Discurso* aos atletas das equipas nacionais de futebol da Itália e da Argentina, 25 de maio de 1979.

humano, a fim de que este preste um melhor serviço à consecução do amadurecimento pessoal»²⁷.

A compreensão desta unidade da pessoa também é o fundamento do ensinamento da Igreja, segundo o qual há uma dimensão espiritual no desporto. Com efeito, São João Paulo II descreve o desporto como «uma forma de ginástica do corpo e do espírito»²⁸. Diz assim: «A atividade desportiva põe em destaque, além das ricas possibilidades físicas do ser humano, também as suas capacidades intelectuais e espirituais. Não é mera potência física e eficiência muscular, mas também tem uma alma e deve mostrar o seu rosto integral»²⁹.

3.2. Liberdade, regras, criatividade e colaboração

A liberdade é um dom de Deus para o ser humano, que revela a grandeza da sua natureza. Criados à imagem e semelhança de Deus, os homens e as mulheres são chamados a participar na criação divina. Todavia, a liberdade está ligada à responsabilidade, visto que as livres escolhas de cada um influenciam as relações interpessoais, a comunidade e, em alguns casos, a criação inteira.

Hoje em dia, muitos creem que a liberdade é fazer aquilo que se quer, sem qualquer limite. Esse modo de pensar separa a liberdade da responsabilidade e também pode reduzir a consciência das con-sequências dos atos do ser humano. O desporto, pelo contrário,

recorda-nos que a verdadeira liberdade também deve ser responsabilidade.

A tecnologia atual permite às pessoas de muitas partes do mundo ter acesso a inúmeras possibilidades de uma forma extremamente imediata. Neste contexto, é fácil para as pessoas perder de vista a necessidade de se empenharem e sacrificarem para alcançar determinado objetivo. No desporto, pelo contrário, quem não desenvolve estas virtudes, nem sequer conseguirá ter continuidade na prática do próprio desporto e, portanto, não alcançará os objetivos preestabelecidos. Aqui a reflexão cristã sobre a liberdade aplica-se ao desporto pelo

²⁷ IDEM, *Discurso* ao Comité Olímpico Nacional Italiano, 20 de dezembro de 1979.

²⁸ IDEM, *Discurso* à delegação de dirigentes e jogadores da equipa de futebol italiana A. C. Milan, 12 de maio de 1979.

²⁹ IDEM, *Discurso* aos participantes no convénio internacional «No tempo do Jubileu: o rosto e a alma do desporto», 28 de outubro de 2000.

facto de a liberdade permitir aos homens fazer escolhas e sacrifícios com discernimento, mesmo quando estes exigem que se passe pela «porta estreita»³⁰.

Além disso, na «cultura do descarté», muitas vezes referida pelo papa Francisco, os compromissos a longo prazo assustam-nos. Nesse sentido, o desporto ensina-nos que vale a pena abraçar desafios de longa duração. O treino e o empenhamento, tal como a consecução dos maiores bens que se podem tentar alcançar, só têm valor quando as pessoas não fogem das incertezas nem dos desafios inerentes às responsabilidades. Por outro lado, as restantes dificuldades, como podem ser os revezes e a resistência à tentação de fazer batota, ajudam a reforçar o carácter através da perseverança e do autocontrolo.

O lema do Comité Olímpico Internacional – *citius, altius, fortius* (mais veloz, mais alto, mais forte)³¹ – remete para este ideal de perseverança. Em certo sentido, a vida cristã assemelha-se mais a uma maratona do que a uma prova de velocidade. Há muitas etapas, algumas das quais muito difíceis de superar.

Então, porque é que as pessoas participam em maratonas? Em parte, devem ser amantes do desafio. Melhorar passo a passo, quilómetro a quilómetro, suscita um sentimento de satisfação que acrescenta prazer à competição. Gregório de Nazianzo e outros Padres da Igreja pensaram na vida cristã como um desafio competitivo. O papa Francisco expressou-se sobre esse tema nos mesmos termos, associando esta categoria à alegria cristã³².

Cada um põe em prática os talentos que recebeu no quotidiano da sua própria vida, na qual também está incluído o desporto. Tomando nota das regras de cada desporto e das estratégias e táticas de jogo ditadas pelos treinadores, cada atleta põe em campo a sua própria liberdade e criatividade para alcançar o objetivo dentro dos parâmetros estabelecidos. Deste modo, os desportos testemunham a virtude da justiça, como obediência ao respeito pelas regras. E para garantir o respeito pela justiça há os árbitros, juízes e inspetores e, nos últimos anos, os suportes tecnológicos. Sem as regras, o sentido do jogo e da competição tornar-se-ia vão. No jogo de futebol, por exemplo, se a bola não ultrapassou completamente a linha da baliza, não é golo. Um pequeno milímetro faz uma enorme diferença. Em alguns casos, as regras ajudam a entender que a justiça não é uma coisa meramente subjetiva, mas que tem uma dimensão objetiva, mesmo quando experimentada nas várias formas de jogo.

³⁰ Cf. Mt 7,13-14.

³¹ Difundido por Pierre de Coubertin, fundador dos Jogos Olímpicos modernos, a partir de finais do século XIX.

³² FRANCISCO, *Saudação* aos participantes no IV Convénio promovido por *Scholas Occurrentes*, 5 de fevereiro de 2015.

Contrariamente àquilo que se possa pensar, no desporto, as regras não limitam a criatividade, mas estimulam-na. Para centrar o resultado nas regras estabelecidas, o atleta tem de ser muito criativo. Deve tentar surpreender o adversário com técnicas e estratégias inovadoras. Por essa razão, os atletas mais criativos também são os mais apreciados.

Algo semelhante acontece com a liberdade. As regras, que, por sua vez, são fruto da criatividade de quem inventou um desporto, tornam-se objetivas no momento em que são aceites. Tal objetividade não anula a subjetividade de cada atleta individual; pelo contrário, na prática do próprio desporto, ajuda-o a melhorar na liberdade. As regras são claras e definidas, mas o respeito por elas torna o atleta mais livre e criativo.

Os homens criam as regras que constituem os vários desportos e chegam a acordo com base nelas. Tais regras fazem com que o desporto se torne uma realidade independente das outras atividades da vida quotidiana. Os estudiosos têm referido que um dos aspetos das regras constitutivas de determinado desporto é que têm uma lógica de gratuidade. Como já foi dito no capítulo anterior, cada desporto tem os seus próprios objetivos a alcançar. No golfe, por exemplo, o objetivo é meter a bola no buraco com o menor número de lances possíveis para dezoito buracos. O regulamento do golfe, porém, embora prevendo a melhor pontuação possível, proíbe o modo mais eficaz de o fazer, ou seja, aproximar-se caminhando e deixar cair a bola no buraco. Introduce gratuitamente desafios e dificuldades que tornam a consecução do objetivo ainda mais complicada. Cada jogador deve usar um campo de golfe, começar a uma distância preestabelecida de cada buraco e evitar charcos e covas de areia. Os participantes aceitam as regras constitutivas do golfe, porquanto se divertem a jogar e a tentar enfrentar o desafio que o próprio jogo oferece. O ponto fulcral desta reflexão é que os desportos são necessários à existência; inventamo-los e neles participamos livremente porque nos agrada praticá-los. De certo modo, os desportos fazem parte do reino da gratuidade.

O desporto, portanto, tem por fundamento um pressuposto inicial: a colaboração e o acordo sobre as regras constitutivas. Há várias modalidades em que os participantes cooperam para fazer com que um evento desportivo se realize. Com efeito, a colaboração precede e está na base da competição. Neste sentido, o desporto é o oposto da guerra, que deflagra quando as pessoas pensam que cooperação já não é possível e quando não se chega a acordo sobre as regras fundamentais. No desporto, o adversário é um participante no contexto codificado das regras, e não um inimigo a aniquilar. Com efeito, é a presença de um adversário que faz emergir o melhor de um atleta, e, por isso, essa experiência pode ser agradável e fascinante. O termo *competição* refere-se precisamente a isso, derivando de duas palavras latinas «*com*» (com) e «*petere*» (fazer com força). Os participantes em competição «esforçam-se juntos» por dar o seu

melhor. Os inúmeros exemplos de atletas que trocam entre si um aperto de mão ou um abraço ou que socializam e partilham momentos de convívio depois de uma intensa competição têm muito a ensinar-nos sobre este aspeto.

E assim vemos como o desporto ajuda a pessoa a crescer, tornando-a capaz de construir um ambiente no qual convivem e interatuam liberdade e responsabilidade, criatividade e respeito pelas regras, divertimento e seriedade. Este ambiente passa pelo espírito de colaboração e acompanhamento recíprocos, desenvolvendo o talento e o carácter das pessoas.

Fair play

Nas últimas décadas tem-se registado uma consciência crescente da necessidade de *fair play* no desporto, por exemplo, de que o jogo seja «limpo». Os atletas honram o *fair play* não só quando respeitam formalmente as regras, mas também quando observam a justiça em relação aos próprios adversário, de tal modo que cada concorrente possa empenhar-se livremente no jogo. Uma coisa é respeitar as regras do jogo para evitar ser sancionados pelo árbitro ou desqualificados por uma violação do regulamento. Outra coisa é estar atentos e respeitar o adversário e a sua liberdade independentemente de qualquer repercussão regulamentar. Fazer isso implica não usar estratégias escondidas, como poderá ser o *doping*, ou aproveitar-se incorretamente dos adversários. A atividade desportiva «deve ser ocasião inevitável de praticar as virtudes humanas e cristãs da solidariedade, da lealdade, do comportamento correto e do respeito pelos outros, por aqueles que são vistos como concorrentes, e não como adversários ou rivais»³³. Deste modo, o desporto pode apontar mais alto, superando o objetivo da vitória, procurando o desenvolvimento da pessoa no interior de uma comunidade formada por companheiros de equipa e adversários.

O *fair play* permite que o desporto se torne uma oportunidade de educação para toda a sociedade, partindo dos valores e das virtudes presentes no desporto, como a perseverança, a justiça e as boas maneiras, para nomear algumas que o papa Bento XVI indicou. «E a vós, caros atletas, compete a missão não menos significativa na sociedade de dar rosto a essas atitudes e convicções e a encarná-las não só na atividade desportiva, mas também num real empenho familiar, cultural e religioso. Isso revela-se de enorme ajuda, em particular para os jovens, tendo em conta as mudanças sociais, a cada vez mais difusa perda de valores e a desorientação crescente»³⁴. Neste sentido, os atletas têm a missão de ser «educadores, visto que o desporto

³³ JOÃO PAULO II, *Discurso* à Federação de Futebol do México, 3 de fevereiro de 1984.

³⁴ BENTO XVI, *Discurso* à equipa nacional austríaca de Esqui Alpino, 6 de outubro de 2007.

pode, efetivamente, inculcar muitos valores elevados tais como a lealdade, a amizade e o espírito de equipa»³⁵.

3.3. Individualismo e equipa

Uma coisa muito típica do mundo do desporto são as relações coesas que se criam entre cada atleta e a sua equipa. Nos desportos de equipa, como o futebol, o *rugby*, o voleibol e o basquete, sobretudo, isto é particularmente evidente. No entanto, também nos desportos individuais, como o ténis e a natação, há sempre formas de trabalho de equipa.

Hoje em dia está muito difundida uma mentalidade individualista. Por vezes, os interesses individuais parecem prevalecer sobre o bem comum. O desporto é uma escola de espírito de equipa que ajuda cada um a superar o egoísmo. Aqui, a individualidade de cada atleta está ligada à equipa, que trabalha unida, apontando um objetivo comum.

O papa Francisco, falando aos jovens por ocasião do septuagésimo aniversário da fundação do Centro Desportivo Italiano, disse: «Desejo-vos também que sintais o gosto, a beleza do jogo de equipa, que é muito importante para a vida. Não ao individualismo! Não a jogar para si próprios. Na minha terra, quando um jogador faz isso, dizemos-lhe: “Este quer comer a bola sozinho!” Não, isso é individualismo: não comais a bola, fazei jogo de equipa, de equipa. Pertencer a uma sociedade desportiva significa rejeitar toda a forma de egoísmo e de isolamento, é a ocasião de se encontrar e de estar com os outros, para se ajudarem mutuamente, para competir na estima recíproca e crescer na fraternidade»³⁶.

Cada membro da equipa é único e contribui de modo peculiar para o grupo. Os indivíduos não estão dispersos no meio da multidão, porque cada um é considerado na sua própria singularidade. Cada um reveste-se de uma importância única e específica que torna mais forte a equipa inteira. Uma grande equipa é formada por grandes personalidades individuais, que não jogam sozinhas, mas juntas.

Uma equipa de futebol, por exemplo, pode ser formada pelos melhores médios do mundo, mas não será uma grande equipa se não houver um guarda-redes, defesas, atacantes e, ainda, um

³⁵ JOÃO PAULO II, *Mensagem* aos membros da FIFA, 11 de dezembro de 2000.

³⁶ FRANCISCO, *Discurso* aos participantes no encontro por ocasião do septuagésimo aniversário da fundação do Centro Desportivo Italiano, 7 de junho de 2014.

treinador, um preparador físico, um fisioterapeuta, etc... No desporto, os dons e os talentos de cada indivíduo são postos ao serviço da equipa.

3.4. Sacrifício

As pessoas que praticam uma atividade desportiva estão familiarizadas com o conceito de sacrifício. Independentemente do nível de prestação ou do tipo de atividade, de equipa ou individual, em que está envolvido, o atleta deve submeter-se a si próprio a uma disciplina e focar-se no exercício a levar a bom termo, se quiser aprender e adquirir as competências e capacidades necessárias. Alcançar esse resultado significa, muitas vezes, ter de seguir um programa de treinos contínuo e estruturado. Isso acontece da melhor forma quando o praticante aceita fazer parte de um projeto que implicará um certo nível de dureza, abnegação e humildade. Isto porque aprender e melhorar no desporto implica sempre chocar com a derrota, a frustração e o desafio. Os atletas profissionais fazem muitas vezes experiência desses desafios psicológicos, físicos e espirituais como parte integrante da própria carreira desportiva; ainda mais impressionante é que os atletas amadores estejam dispostos a aceitar essas exigências, embora a níveis de menor intensidade, a fim de melhorarem naquilo que os apaixona³⁷. Os praticantes amadores que se treinam para a meia maratona de beneficência, um jogador de golfe como um forte *handicap* que se treina para melhorar o seu desempenho, o jogador de *walking football* (futebol a passo), que tenta marcar o maior número de golos para a sua equipa, compreende, através da própria experiência em campo, que esses pequenos sacrifícios têm um sentido se forem feitos por paixão pelo desporto. Embora dirigindo-se aos jogadores olímpicos, São João Paulo II pôs em destaque que o valor do sacrifício no desporto vale para todos os atletas, sem distinção de nível de prestação: «Nas recentes Olimpíadas de Sydney, admirámos os feitos de grandes atletas, que, para obter aqueles resultados, se sacrificaram dia após dia, durante anos a fio. É esta a lógica do desporto, sobretudo do desporto olímpico; e também é a lógica da vida; sem sacrifícios, não se obtêm resultados importantes, nem tampouco satisfações autênticas»³⁸.

A experiência do sacrifício no desporto pode ajudar os atletas a formar o próprio carácter de modo peculiar. Podem desenvolver as virtudes da coragem e da humildade, da perseverança e da fortaleza. No desporto, a experiência comunitária de sacrifício também pode ajudar os crentes a entender mais profundamente a própria vocação de filhos de Deus. Manter uma vida

³⁷ Cf. J. PARRY, S. ROBINSON, N. WATSON e M. NESTI, *Sport and Spirituality: An introduction*, Londres, 2007.

³⁸ JOÃO PAULO II, *Homilia* por ocasião do Jubileu do Desporto, 29 de outubro de 2000.

de oração, aproximar-se continuamente dos sacramentos, trabalhar pelo bem comum, são muitas ações marcadas por obstáculos e dificuldades. Podemos superar esses desafios com uma constante persistência e autodisciplina, e com a graça que nos vem de Deus. «Severa disciplina e domínio de si, prudência, espírito de sacrifício e de dedicação»³⁹, segundo São João Paulo II, representam qualidades espirituais, físicas e psicológicas forjadas por muitos desportos. As solicitações e os desafios, quer mentais quer físicos, que o desporto coloca em campo, podem ajudar a fortalecer o espírito e a autoestima. Há uma narração católica do valor antropológico do desporto e do sacrifício radicada na vivência quotidiana de cada atleta: eles têm consciência de que o sacrifício e o sofrimento têm um poder transformador.

Sacrifício é uma palavra muito familiar e muito utilizada no mundo do desporto. A Igreja também usa este termo e, muitas vezes, de modo muito direto e específico. Sabe que o amor de Deus e pelo próximo muitas vezes tem um preço para a nossa vida. É missão do cristão aceitar e suportar os sacrifícios e os sofrimentos, grandes ou pequenos, e, com o apoio da graça de Deus, lutar pelo Reino, na vida terrena e no mundo que há de vir. Como esta convicção, torna-se mais simples entender o que pretendia São Paulo quando pedia a Timóteo que se preparasse para «combater o bom combate» (1Tm 6,12). Todos os nobres sacrifícios que fazemos são importantes para a vida cristã, mesmo quando dizem respeito a um âmbito aparentemente insignificante das atividades humanas, como o desporto.

3.5. Alegria

Desde a época da Carta Internacional da Educação Física, da Atividade Física e do Desporto, de 1978, praticar desporto tornou-se um direito para todos, não só para os jovens ou para as pessoas sãs ou sem deficiência. Independentemente do facto de o desporto ser praticado por crianças, idosos ou pessoas com deficiência, ele dá alegria a todos aqueles que o praticam livremente, qualquer que seja o nível do jogo.

Quanto aos principiantes, os atletas experimentam frustração e também embaraço pelas repetidas derrotas com que deparam no seu percurso de busca de aperfeiçoamento e de melhoria da própria disciplina desportiva. Se, pelo contrário, já estão em altos níveis de prestação, devem passar por severos e rígidos programas de preparação. A alegria que se experimenta na prática do desporto, muitas vezes convive com as dificuldades e os desafios mais duros, emergindo deles. Vemos que, no mundo, há muitas pessoas que praticam desporto pelo simples prazer do

³⁹ IDEM, *Mensagem aos delegados do Club Alpino Italiano*, 26 de abril de 1986.

movimento físico, pelas oportunidades de socialização, para aprenderem novas competências ou um sentido de pertença a determinada comunidade. A alegria, em tais casos, é fruto de fazer aquilo que agrada ou apaixonava. Em última análise, a alegria é um dom fundado sobre o amor, e isto aplica-se a todos os desportos⁴⁰. Esta ligação entre a alegria e o amor pelo desporto permite-nos entender melhor a relação entre Deus, o amor e a alegria na nossa espiritualidade quotidiana.

O facto de que, para a maior parte das pessoas, o desporto não seja praticado por um motivo de utilidade, como o dinheiro ou o sucesso, faz dele um fenómeno ainda mais interessante. Todavia, para os atletas de carreira, os momentos de alegria no desporto costumam ser acompanhados por sofrimentos e sacrifícios de todo o tipo e, por conseguinte, de grandes esforços físicos e mentais. Isto ensina-nos que a alegria autêntica, profunda e duradoura emerge com frequência quando nos empenhamos com todo o nosso ser em qualquer coisa que nos apaixonava. Esta paixão pode ter por objeto o gesto desportivo em si ou os companheiros de equipa nas relações profundas construídas na prossecução de um objetivo comum. Se a alegria ligada à paixão e ao amor pelo desporto ou pelos companheiros de equipa é uma realidade que os psicólogos associam aos melhores desempenhos e é a mola que impele os desportistas a renovar continuamente a sua participação, então esta pode ser uma boa forma de os treinadores e os responsáveis desportivos mostrarem o paralelismo entre a prática desportiva e a vida de fé.

A este respeito, é importante recordar a parábola de Jesus sobre o tesouro escondido no campo, para explicar o Reino de Deus. Jesus sublinha que o ser humano que encontrou o tesouro, «cheio de alegria», vende tudo o que tem para comprar esse campo (Mt 13,44). Assim também para nós, seguir Jesus e anunciar que o Reino de Deus está próximo significa agir, cheios de alegria, por ter experimentado a abundância do amor e da graça de Deus, que caracterizam esse Reino. Quando se segue Jesus e se trabalha para construir o Reino de Deus, depara-se com dificuldades e incómodos, e somos convidados a carregar a nossa cruz. No entanto, as provas e os sofrimentos não podem dissipar a nossa alegria. Nem sequer a morte o pode fazer. Depois de ter dito aos seus discípulos que, assim como o Pai o ama a Ele, também Ele os amou, convidando-os a permanecerem no seu amor, Jesus acrescentou: «Manifestei-vos estas coisas, para que esteja em vós a minha alegria, e a vossa alegria seja completa» (Jo 15,11). Assim como, já perto da sua paixão e morte, lhes disse: «Também vós vos sentis agora tristes, mas Eu hei de ver-vos de novo! Então, o vosso coração há de alegrar-se, e ninguém vos poderá tirar a vossa alegria» (Jo 16,22).

⁴⁰ Cf. J. PIEPER, *About Love*, Chicago, 1974.

«A alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus»⁴¹. O papa Francisco põe em destaque a centralidade da alegria na vida de um crente, como dom a partilhar com todos. Do mesmo modo, o desporto tem sentido desde que promova um espaço de alegria a partilhar com os outros. Não se trata de negar os sacrifícios e os sofrimentos que estão presentes no treino e na prática desportiva, mas, em última análise, o desporto é chamado a ser portador de alegria a todos aqueles que o praticam e a todos os espectadores apaixonados que o seguem no mundo inteiro.

3.6. Harmonia

O desenvolvimento harmonioso da pessoa deve ser sempre uma prioridade de todos aqueles que têm uma responsabilidade no mundo do desporto, sejam eles treinadores, instrutores ou dirigentes. A palavra harmonia refere-se ao equilíbrio e ao bem-estar, e é fundamental para que se possa viver a verdadeira felicidade. Há muitas forças no mundo de hoje que nos impelem a abandonar esta importante virtude da harmonia para abraçar modelos orientados e desequilibrados numa única dimensão. Basta pensar na comercialização de alguns desportos, na excessiva dependência de modelos científicos desligados das preocupações éticas, para dar alguns exemplos preocupantes. Quando se promove um desporto em que o corpo é reduzido a objeto ou a pessoa é considerada uma mercadoria, corre-se o risco de infligir um grande dano às pessoas e a toda a comunidade.

Por outro lado, o desenvolvimento harmonioso da pessoa nas suas dimensões físicas, sociais e espirituais, é desde há tempos re-conhecido como contributo para a saúde psicológica e para o bem-estar da pessoa. Já existem consensos positivos ali onde «muitas pessoas sentem a necessidade de encontrar formas apropriadas de exercício físico que ajudem a reencontrar um salutar equilíbrio entre a mente e o corpo»⁴². Em relação a isto, nos últimos anos nasceram muitas formas novas de desporto e modelos diferentes de competição como resposta à necessidade existencial de maior harmonia entre a mente e o corpo. O Concílio Vaticano II também pôs em destaque que, para se construírem comunidades harmoniosas, o desporto pode oferecer «uma ajuda para criar relações fraternas entre os homens de todas as condições, de nações ou de raças diferentes»⁴³.

⁴¹ FRANCISCO, *Evangelii gaudium*, n. 1.

⁴² JOÃO PAULO II, *Discurso* aos participantes no Campeonato Mundial de Atletismo de Roma, 2 de setembro de 1987.

⁴³ *Gaudium et spes*, n. 61.

A importância da formação espiritual das pessoas é muitas vezes ignorada em ambientes em que elas já não são consideradas criaturas amadas por Deus. A harmonia implica equilíbrio, e este, por sua vez, está relacionado com a vida inteira da pessoa, desde a esfera moral, física e social à esfera psicológica. O desporto é um dos contextos concretos em que a pessoa pode procurar o seu próprio desenvolvimento integral.

Paradoxalmente, é passando por aquilo que parece ter apenas a ver com a dimensão física – como o desporto –, que podemos crescer nos nossos conhecimentos espirituais e ver como, rejeitando essa dimensão do nosso ser, minamos o nosso próprio crescimento, saúde e bem-estar. A tendência para ignorar a componente espiritual ou para reduzi-la simplesmente à esfera psicológica (como acontece de forma prevalente em grande parte do mundo de hoje), é hoje normal, podendo ser prejudicial, de modo particular para os jovens e para aqueles que carecem de formação espiritual e religiosa. A Igreja, na sua sabedoria, oferece-nos uma visão muito necessária e convincente a esse respeito. Somos chamados a viver o nosso desporto no Espírito e com o Espírito, visto que, como diz São João Paulo II: «Sois verdadeiros atletas se vos preparais assumindo continuamente as dimensões espirituais da vossa pessoa para um desenvolvimento harmonioso de todos os talentos humanos»⁴⁴.

3.7. Coragem

A Igreja, com Tomás de Aquino, ensinou que a coragem representa a via intermédia entre a cobardia e a temeridade. E a Igreja sublinhou que um ato corajoso está sempre ligado à moralidade. Isto porque, para sermos corajosos, devemos fazer o que é justo, o bem, em vez de recorrer a um expediente ou ao caminho mais fácil. No desporto, isto tem profundamente a ver com o *fair play* e com o espírito do jogo. Esta última expressão significa jogar respeitando os adversários, as tradições do desporto, as regras e os regulamentos, mesmo quando não estamos a ser controlados ou vistos. Quando os jogadores revelam um bom desportivismo, ultrapassarão o regulamento específico do jogo, garantindo sempre e de qualquer forma o respeito pelo adversário.

O conceito de coragem também pode ser interpretado como uma opção completamente pessoal. Não é possível tornar alguém corajoso, mesmo que os treinadores e os educadores possam contribuir para estimular essa virtude com a sua atuação. Com efeito, poder-se-ia dizer que a coragem se vê muito antes, durante e depois de uma derrota ou de um revés. Seguir em frente,

⁴⁴ JOÃO PAULO II, *Discurso* aos participantes no Campeonato Mundial de Atletismo de Roma, 2 de setembro de 1987.

continuando a jogar, mesmo quando já não há possibilidades de vitória para a tua equipa, tentar fazer a coisa justa do ponto de vista ético ou físico quando se está a sofrer uma dura derrota, manter a equipa unida quando esta já se sente vencida, tudo isso são ocasiões que demonstram como o desporto está carregado de atitudes de grande coragem.

3.8. Igualdade e respeito

Cada pessoa foi criada à imagem e semelhança de Deus e tem o direito de viver a própria vida com dignidade e de ser tratada com respeito. Todos têm o mesmo direito de experimentar e de desfrutar das múltiplas dimensões da cultura e do desporto. Cada um tem o direito de promover as próprias capacidades individuais, no respeito pelos próprios limites.

Esta igualdade de direitos para cada indivíduo não significa, porém, homogeneidade e conformidade. Pelo contrário, significa respeito pelas diferenças e pelas diversidades das condições humanas, em relação ao sexo, à idade, à proveniência cultural e às tradições. Isto aplica-se de modo análogo ao sector do desporto. É compreensível que haja diferenças específicas nas prestações desportivas devidas à idade ou que, na maior parte das disciplinas, homens e mulheres não compitam uns contra os outros. Pessoas que têm capacidades físicas de base claramente diferentes da média, devido, por exemplo, a problemas particulares, podem ser julgados e avaliados de modo distinto.

Com todo o tipo de atenções viradas para a multiplicidade de condições, talentos e aptidões, as diversas categorias de desempenho não devem conduzir a classificações ocultas ou a hierarquias de pontuação ou ainda a delimitações de participação herméticas. Isso destruiria a percepção da família humana como unidade primária. Aquilo que o apóstolo Paulo pede à comunidade cristã, como espelho do Corpo de Cristo, deveria ser experimentado no desporto: «Não pode o olho dizer à mão: “Não tenho necessidade de ti”, nem tampouco a cabeça dizer aos pés: “Não tenho necessidade de vós.” Pelo contrário, quanto mais fracos parecem ser os membros do corpo, tanto mais são necessários. [...] Assim, se um membro sofre, com ele sofrem todos os membros; se um membro é honrado, todos os membros participam da sua alegria. Vós sois o Corpo de Cristo e cada um, pela sua parte, é um membro»⁴⁵.

O desporto é uma atividade que pode e deve promover a igualdade entre os seres humanos. «A Igreja [...] considera o desporto um instrumento educativo quando promove elevados ideais humanos e espirituais, e quando forma de modo integral os jovens para valores como a lealdade,

⁴⁵ 1Cor 12,21-27.

a perseverança, a amizade, a solidariedade e a paz»⁴⁶. O desporto é um sector da nossa sociedade que promove o encontro de toda a humanidade e que pode superar discriminações socioeconómicas, raciais, culturais e religiosas.

Todas as pessoas são iguais em dignidade, enquanto criadas à imagem e semelhança de Deus. Somos irmãos e irmãs que descendem do mesmo Criador. Todavia, o nosso mundo ainda tem à sua frente profundas desigualdades, e é dever dos cristãos trazer tais situações à luz. O desporto pode tentar promover a igualdade, porque «sem igualdade de oportunidades, as diversas formas de agressão e de guerra encontrarão um terreno fértil que, mais cedo ou mais tarde, provocará a explosão»⁴⁷.

Há muitos exemplos de como o desporto consegue criar condições de coesão social e de igualdade entre as pessoas. Muitos des-portos populares têm feito campanhas de sensibilização contra o racismo e têm promovido a paz, a solidariedade e a inclusão. «O desporto pode unir povos e culturas num espírito de amizade. O desporto é sinal de que a paz é possível»⁴⁸.

3.9. Solidariedade

A mensagem da Igreja mostra-nos que existe uma profunda ligação entre a solidariedade e o bem comum, entre a solidariedade e o destino universal dos bens, entre a solidariedade e a igualdade entre os povos, entre a solidariedade e a paz no mundo⁴⁹.

A solidariedade no interior de uma equipa desportiva é aquela unidade que se cria entre os companheiros que combatem juntos para alcançar o objetivo comum. Semelhante experiência faz com que todos os seus componentes vivam um sentimento de atenção pessoal e de estima. A solidariedade em sentido cristão, porém, ultrapassa os membros da própria equipa. Também pode incluir o rival, no campo, que não se consegue levantar sem ajuda. Aqui, o apoio e a solidariedade são necessários para um jogador não ter de se fechar se a derrota do outro for a nossa própria derrota, ou o resultado de uma infeliz série de ocorrências.

Os atletas, sobretudo os mais famosos, têm uma inevitável responsabilidade social. É importante que tenham cada vez mais consciência da própria missão no âmbito da solidariedade, e que isso seja socialmente conhecido. «Vós, jogadores, sois os representantes de uma atividade desportiva que todos os fins de semana reúne tanta gente nos estádios e à qual

⁴⁶ JOÃO PAULO II, *Mensagem* à delegação do Real Madrid Club de Fútbol, 16 de setembro de 2002.

⁴⁷ FRANCISCO, *Evangelii gaudium*, n. 59.

⁴⁸ BENTO XVI, *Angelus*, 8 de julho de 2007.

⁴⁹ Cf. *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, n. 194.

os meios de comunicação social dedicam um vasto espaço. Por este motivo, tendes uma responsabilidade especial»⁵⁰.

O papa Francisco convidou os atletas a entrar em jogo «com os outros e com Deus, dando o melhor de vós mesmos, gastando a vida por aquilo que vale de verdade e que dura para sempre. Colocai os vossos talentos ao serviço do encontro entre as pessoas, da amizade e da inclusão»⁵¹.

São João Paulo II exortou os desportistas a «favorecer a construção de um mundo mais fraterno e solidário, contribuindo para a superação de situações de incompreensão recíproca entre indivíduos e povos»⁵².

O desporto deve andar sempre de braço dado com a solidariedade, porquanto o desporto é chamado a irradiar os seus valores sobre a sociedade, em particular a promoção da unidade entre povos, raças, religiões e culturas, ajudando-os assim a superar muitas divisões que o nosso mundo ainda hoje sofre⁵³.

3.10. Abertura à busca do significado último da vida

O desporto põe em destaque a tensão entre a força e a fragilidade, duas experiências que pertencem, necessariamente, à existência humana. O desporto é um reino no qual o ser humano pode fazer emergir com autenticidade os seus talentos e a sua criatividade, mas, ao mesmo tempo, viver a experiência do limite e da finitude, bem como experimentar que o êxito não é garantido.

Como explicámos no início do capítulo, o desporto é um âmbito que pode revelar a verdade e o sentido da liberdade da pessoa. «A liberdade – diz o papa Francisco – é algo grandioso, mas podemos perdê-la»⁵⁴. O desporto respeita a liberdade da pessoa porque, no interior de fronteiras traçadas por regras específicas, não levanta obstáculos à criatividade, pelo contrário, estimula-a. Deste modo, não se perde a experiência de se ser livremente quem se é.

A relação intrínseca entre a liberdade individual e a aceitação de regras mostra, além disso, que a pessoa está orientada para viver em comunidade com os outros. A pessoa nunca é uma entidade isolada, mas «um ser social e, sem as relações com os outros, não pode viver nem

⁵⁰ JOÃO PAULO II, *Discurso* à delegação do Fútbol Club Barcelona, 14 de maio de 1999.

⁵¹ FRANCISCO, *Discurso* à Federação Italiana de Ténis, 8 de maio de 2015.

⁵² JOÃO PAULO II, *Discurso* à delegação da A. S. Roma, 30 de novembro de 2000.

⁵³ FRANCISCO, *Discurso* aos membros do Comité Olímpico Europeu, 23 de novembro de 2013.

⁵⁴ IDEM, *Amoris laetitia*, n. 267.

explicar os seus dotes»⁵⁵. A equipa desportiva e a presença de espectadores mostra claramente a relação entre indivíduos e comunidades. Além disso, nem sequer um desporto individual pode ser praticado sem o contributo de muitas outras pessoas. É por isso que o desporto pode servir de paradigma para mostrar como a pessoa se pode realizar a si própria mediante uma experiência de comunidade.

Por fim, no nosso tempo, o desporto talvez seja o exemplo mais evocativo de unidade entre corpo e alma. Devemos sublinhar que uma interpretação unilateral das experiências referidas conduz a uma falsa noção do ser humano. Por exemplo, dando apenas atenção à força, poderia parecer que os homens são autossuficientes. Uma conceção unilateral da liberdade dá a ideia de um ego irresponsável, que segue apenas as suas próprias regras. Do mesmo modo, uma ênfase excessiva relativamente à dimensão comunitária, levaria a subestimar a dignidade da pessoa. Por fim, rejeitando a unidade entre corpo e alma, acabar-se-ia por desvalorizar completamente o corpo ou por cair num materialismo mundano. Assim, todas as dimensões devem ser consideradas, a fim de compreender plenamente a natureza humana.

Resumindo, podemos dizer que na experiência desportiva a pessoa experimenta, de modo particular, a tensão entre a força e a fragilidade, a liberdade de se submeter a regras gerais que constituem uma prática comum, a individualidade orientada para a comunidade e a unidade do corpo e da alma. Além disso, através do desporto é possível fazer experiência da beleza. Como Hans Urs von Balthasar sublinhou, a capacidade estética do ser humano também é uma característica decisiva que estimula a busca sobre o significado último da existência⁵⁶. Se aplicarmos esta visão antropológica integral, o desporto poderia tornar-se um extraordinário campo em que a pessoa faz experiência das verdades fundamentais sobre si próprio e o significado último da própria existência.

O significado último do ponto de vista cristão

A pessoa encontra a sua verdade mais profunda no ser à imagem e semelhança de Deus, tal como Ele nos criou (Gn 1,27). Embora seja verdade que o desporto encerra em si a busca de um certo tipo de felicidade, que o Concílio Vaticano II descreveu como «uma vida plena e livre, digna do ser humano, que coloque ao seu serviço tudo aquilo que o mundo lhes oferece hoje com tanta abundância»⁵⁷, também é verdade que o ser humano foi criado para uma felicidade ainda maior. Tal felicidade torna-se possível pelo dom gratuito da graça de Deus. É importante

⁵⁵ *Gaudium et spes*, n. 12.

⁵⁶ Cf. H. U. GUMBRECHT, *In Praise of Athletic Beauty*, Cambridge, 2006.

⁵⁷ *Gaudium et spes*, n. 9.

especificar que a graça de Deus não destrói aquilo que é humano, pelo contrário, «aperfeiçoa a sua natureza»⁵⁸ ou eleva-nos à comunhão com Deus, que é Pai, Filho e Espírito Santo, e à comunhão com os outros.

Um dos principais modos pelos quais experimentamos a graça de Deus é a sua misericórdia. Como o papa Francisco tem recordado continuamente ao longo do seu pontificado e, de modo particular, no Ano Jubilar da Misericórdia, Deus nunca se cansa de nos perdoar. Deus ama-nos incondicionalmente. Mesmo quando erramos ou pecamos, Deus é paciente connosco e oferece-nos sempre o seu perdão e uma segunda oportunidade. O perdão de Deus – tal como o nosso perdão recíproco – cura-nos e restaura a imagem e semelhança divina em nós. Como escreve São Paulo, na sua carta aos Colossenses: «Não mintais uns aos outros, já que vos despistes do homem velho, com as suas ações e vos revestistes do homem novo, aquele que, para chegar ao conhecimento, não cessa de ser renovado à imagem do seu Criador» (Cl 3,9-10). E ainda aos Coríntios: «E nós todos que, com o rosto descoberto, refletimos a glória do Senhor, somos transfigurados na sua própria imagem, de glória em glória, pelo Senhor que é Espírito» (2Cor 3,18). Se o percurso de redenção significa que seremos renovados e transformados à imagem e semelhança de Deus que é Pai, Filho e Espírito Santo, isso significa compreender que, pela nossa constituição, somos seres relacionais e fomos feitos para a comunhão com Deus e com o outro.

⁵⁸ TOMÁS DE AQUINO, *Summa Theologica*, I, q.1, a.8, ad 2.

IV

OS DESAFIOS À LUZ DO EVANGELHO

4.1. Um desporto humano e justo

Já falámos dos diversos significados relativamente ao desporto, bem como do seu papel na busca da bondade e da verdade. Como todas as realidades humanas, porém, também o desporto pode ser usado contra a dignidade do ser humano e contra os direitos da pessoa. Por essa razão, a Igreja pretender fazer ouvir a sua voz quando vê espezinhar a dignidade e a felicidade da pessoa.

A promoção dos valores humanos no desporto

Os atuais desenvolvimentos do desporto devem ser julgados com base no grau de reconhecimento da dignidade da pessoa e da adequação do respeito manifestado pelos outros, por todas as criaturas e pelo ambiente. Além disso, a Igreja reconhece a importância da alegria na participação na atividade desportiva e da convivência leal entre os seres humanos. Quando as regras do desporto são estipuladas a nível internacional, os atletas de várias culturas, nações e religiões devem poder gozar de uma experiência partilhada de uma competição leal e alegre, que possa ajudar a promover a unidade da família humana.

Através da prática desportiva, as pessoas podem experimentar a própria corporeidade de modo simples e positivo. Jogando em equipa, os atletas podem compreender que as experiências mais belas são aquelas em que se constrói uma forte ligação entre os jogadores, e se joga bem juntos.

Críticas aos desvios

A partir dessa perspetiva, devem ser julgados de modo crítico uma série de fenómenos e desenvolvimentos. Isto aplica-se tanto ao desporto como a outras áreas da vida social. A Doutrina Social da Igreja apela às pessoas empenhadas na política, na economia ou na ciência a que se interroguem sobre se a suas ações estão ao serviço da pessoa e de uma ordem social justa. As pessoas empenhadas no desporto também deveriam fazer a si próprias a mesma pergunta.

A intensa qualidade das experiências no desporto constitui a base do seu fascínio. Todavia, precisamente por essa sua força, o desporto também está exposto a desviar-se segundo políticas e práticas que não estão ao serviço da pessoa. Isto refere-se os praticantes desportivos bem como aos espectadores e adeptos. A grande importância de que o desporto se reveste para muitas pessoas pode reduzi-lo a um instrumento de veiculação de interesses, orientações políticas e demonstrações de poder, a uma busca cega de um lucro financeiro ou para secundar impulsos nacionalistas. Deste modo, a autonomia do desporto e os seus valores internos estão ameaçados. Os interesses que não são do desporto, mas antes políticos, económicos ou mediáticos, acabam por orientar as suas dinâmicas e também as experiências dos próprios atletas. O desporto é parte de uma sociedade complexa e múltipla e participa nas suas dinâmicas: por isso deve ter ainda mais o cuidado de não ceder a própria autonomia. Falando a uma delegação de futebolistas de equipas profissionais italianas, o papa Francisco recordava com alegria as idas, na sua juventude, ao estádio de futebol com a sua família e o ambiente de festa desses dias, e aos jogadores e dirigentes disse: «Gostaria de manifestar o desejo de que o futebol e qualquer outro desporto muito popular recupere a dimensão da festa. Hoje em dia, o próprio futebol também se move no meio de um grande volume de negócios, devido à publicidade, às televisões, etc. O fator económico, porém, não deve prevalecer sobre o desportivo, pois corre o risco de contaminar tudo, quer a nível internacional e nacional quer a nível local»⁵⁹.

Quando o desporto é praticado para «vencer a todo o custo», o próprio desporto é seriamente ameaçado. Concentrando-se unicamente no êxito desportivo, quer por razões pessoais, políticas ou económicas, reduz os direitos e o bem-estar dos participantes a um papel marginal. Quanto à relação com a corporeidade, o desejo de melhorar cada vez mais as prestações, a qualquer custo, influencia os comportamentos e conduz a graves consequências. O critério pelo qual qualquer opção já não é avaliada segundo a medida da dignidade da pessoa, mas antes segundo a medida da eficiência, pode implicar riscos para a saúde, própria e dos companheiros. A dignidade e os direitos da pessoa nunca podem ser arbitrariamente submetidos a outros interesses. Não é aceitável que os atletas sejam considerados mercadorias. Como o papa Francisco disse aos membros do Comité Olímpico Europeu: «Quando o desporto é considerado apenas segundo parâmetros económicos ou de consecução da vitória a todos o custo, corre-se o risco de reduzir os atletas a mera mercadoria lucrativa. Os próprios atletas entram num mecanismo que os confunde, perdem o verdadeiro sentido da sua atividade, aquela alegria de

⁵⁹ FRANCISCO, *Discurso* às equipas de futebol Fiorentina e Nápoles, à delegação da FIGC e da Liga da Série A, 2 de maio de 2014.

jogar que os atraiu na juventude e que os levou a fazer tantos verdadeiros sacrifícios e a tornarem-se campeões»⁶⁰.

Os direitos gerais de viver com dignidade e liberdade deveriam ser protegidos no desporto. Devem ser garantidos, em particular, aos pobres e aos débeis, sobretudo às crianças que têm o direito de ser protegidos na sua própria integridade física. Situações de abusos infantis, quer físicos, quer sexuais ou emocionais, por parte de treinadores, preparadores ou outros adultos, constituem uma afronta às jovens criaturas, feitas à imagem e semelhança de Deus, e, por isso, uma afronta direta a Deus. As instituições que financiam programas de desporto para os jovens, inclusive de alto nível, deveriam desenvolver linhas programáticas com a ajuda de especialistas que garantam a segurança das crianças.

Os atletas também têm o direito de se associarem e de representarem os seus próprios interesses. Não podem ser impedidos de se expressar livremente, como cidadãos e segundo a sua consciência. Devem ser tratados como pessoas com todos os direitos reconhecidos. Qualquer forma de discriminação devida à origem social ou nacional, ao sexo, à etnia, à raça, à constituição física ou à religião, não podem ser aceites no desporto. Contudo, ultrapassando inclusive o evento desportivo imediato, o desporto deve sentir-se responsável por aquilo que sucede no seu contexto. Muitas pessoas estão empenhadas na preparação e na gestão de grandes manifestações desportivas, e os seus legítimos interesses e condições de vida devem ser respeitados.

4.2. Responsabilidade partilhada por um bom desporto

O desporto é uma realidade multiforme. Os críticos do desporto não deveriam ser nem completamente suspeitos deste fenómeno, nem ingénuos na aclamação dos seus aspetos positivos. Além disso, é importante saber distinguir quais são as verdadeiras responsabilidades de cada organização e agência desportiva nas situações específicas. Com efeito, não são só os praticantes ou os atletas que têm a responsabilidade por aquilo que sucede, mas também muitas outras figuras, como as famílias, os treinadores e os assistentes, os médicos, os dirigentes, os espectadores e as pessoas envolvidas nos outros âmbitos do desporto, incluindo os cientistas, os líderes políticos e económicos e os representantes dos meios de comunicação.

⁶⁰ FRANCISCO, *Discurso* aos membros do Comité Olímpico Europeu, 23 de novembro de 2013.

Os espectadores e adeptos que participam nas manifestações desportivas, diretamente ou através dos meios de comunicação, têm a sua própria quota parte de responsabilidade partilhada nos eventos. Podem manifestar o seu respeito pelos jogadores de ambas as equipas e manifestar a sua reprovação frente a comportamentos antidesportivos. O *fair play* também é necessário em relação aos espectadores que apoiam a equipa adversário. Qualquer forma de difamação ou violência nos contextos desportivos deve ser condenada, e os responsáveis desportivos devem fazer tudo para identificar os responsáveis. Por exemplo, há boas práticas sobre como pode ser tratada a violência nos ambientes desportivos. Assim, alguns clubes profissionais na Europa, e também noutros lugares, formam voluntários que colaboram com os adeptos na identificação de comportamentos antidesportivos e, também, de atitudes violentas dos apoiantes, que nos últimos anos têm vindo a ser cada vez mais frequentes nas partidas de futebol. Aqui, a responsabilidade não pode ser transferida do mundo do desporto para outras instituições.

Muitas pessoas praticam desporto em ambientes naturais. Infelizmente, a atividade desportiva não deixa estes ambientes intactos. Tem um impacto ambiental que muitas vezes se exerce a longo prazo. Por isso, os atletas e os financiadores dos eventos desportivos têm ainda a responsabilidade do máximo respeito pela criação. Essa responsabilidade recai sobre muitos ombros: não só sobre cada praticante, que deve considerar que custos ambientais estão ligados à própria atividade desportiva, mas também sobre quem financia as principais manifestações desportivas, que deve considerar a sustentabilidade do evento do ponto de vista ambiental.

Além disso, nos desportos que envolvem animais, deve ter-se o cuidado de garantir que o seu tratamento seja moralmente apropriado e que não sejam considerados simples objetos.

A Igreja põe em destaque a responsabilidade de cada pessoa do mundo do desporto e apela a cada consciência para que promova o mais possível um desporto humano e justo. Todavia, não seria correto colocar o peso da responsabilidade de um desporto bom e justo apenas sobre os ombros dos atletas individuais. Também se deve prestar atenção aos organismos sociais que influenciam a nossa maneira de pensar e de agir. «Estes são o conjunto das instituições e das práxis já existentes, com que os homens deparam, ou daquelas que criam, a nível nacional e internacional, e que orientam ou organizam a vida económica, social e política»⁶¹. Tais estruturas têm uma capacidade de persuasão tão forte que é muito difícil permanecer fiéis aos valores internos do desporto. Aliás, tais estruturas não constituem um destino inevitável. «Elas dependem sempre da responsabilidade da pessoa, que as pode modificar, e não de um suposto determinismo histórico»⁶². Assim, elas subsistem dentro dos objetivos da nossa

⁶¹ CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, *Instrução* sobre a liberdade cristã e a libertação *La verità ci rende liberi* (A verdade torna-nos livres), 22 de março de 1986.

⁶² *Ibidem*.

responsabilidade. A importância social das diversas organizações desportivas ao nível regional, nacional e internacional é enorme, e assim deve ser também a sua responsabilidade moral. Elas devem estar ao serviço dos valores internos do desporto e do bem da pessoa.

4.3. Quatro desafios específicos para o desenvolvimento

Há quatro desafios para o desporto do nosso tempo que a Igreja considera particularmente sérios e que o presente documento tenta orientar. Podem ser entendidos como o resultado de uma orientação descontrolada para o êxito e para os imensos interesses económicos e políticos desenvolvidos em torno das competições desportivas. Os inúmeros sujeitos envolvidos nos eventos desportivos – atletas, espectadores, meios de comunicação, *business manager*, políticos – impõem para desempenhos desportivos cada vez melhores e para a vitória a todo o custo, de tal modo que a pressão excessiva sobre os desportistas se torna ainda maior, com o resultado de que estes tentam todas as formas possíveis de melhorar as prestações, inclusive de modos moralmente duvidosos.

O aviltamento do corpo

Se, por um lado, o desporto pode ser uma experiência positiva para viver a própria corporeidade, também pode ser um contexto em que o corpo humano é reduzido ao estado de objeto ou vivido apenas de forma material. Como comentou um jogador de futebol americano, depois de terminar a sua carreira: «Percebi, paradoxalmente, que era como se tivesse afastado e eliminado a ideia de que eu era o meu corpo. Conhecia o meu corpo o mais a fundo possível, mas usei-o e pensava nele como uma máquina, uma coisa que devia ser bem oleada, alimentada e mantida para realizar um trabalho específico»⁶³. Quando os jovens são formados de modo a considerar o próprio corpo deste modo, correm o risco de se alienarem dos seus próprios afetos, comprometendo a própria capacidade de intimidade, um importante elemento de desenvolvimento no crescimento de um jovem adulto⁶⁴. Tudo isto exerce um impacto negativo sobre a sua capacidade de gerir, quer física quer emocionalmente, a sua relação afetiva, dom e graça da vida matrimonial.

Os pais, os treinadores e a sociedade desportiva estão muitas vezes envolvidos neste processo de «automatização» dos atletas, visto estarem interessados em garantir o seu êxito e a satisfazer

⁶³ Cf. D. MEGGYESY, *Out of their League*, Berkeley, CA, 1970, p. 231.

⁶⁴ Cf. E. ERIKSON, *Identity and the Life Cycle*, Nova Iorque, 1980.

as expectativas de medalhas, recordes, bolsas de estudo escolares, contratos de patrocínio e riqueza. Aberrações deste tipo podem encontrar-se nas competições de alto nível dos desportos juvenis. Tem-se vindo a tornar cada vez mais normal para um jovem, ser deixados nas mãos de pais, treinadores e dirigentes interessados unicamente na especialização unidirecional de um talento singular. No entanto, assim como o físico de um jovem não é capaz de suportar um ano inteiro de treinos em determinado desporto, essa especialização precoce com demasiada frequência leva a acidentes por sobrecarga de trabalho. No caso das ginastas de elite, o protótipo do corpo ideal tem vindo a mudar ao longo dos anos, propondo como modelo um físico esguio da fase pré-puberdade. Isso tem levado, em certos contextos, a treinar raparigas muito jovens todos os dias da semana e durante um número de horas excessivo. Em tais condições, as raparigas têm desenvolvido com frequência a angústia de terem de permanecer tão magras a ponto de desenvolverem distúrbios alimentares em percentagens muito mais elevadas do que a média da população feminina em geral. Este exemplo põe em destaque a importância do papel dos pais dos jovens atletas em todos os desportos. Os pais têm a responsabilidade de mostrar aos seus filhos que eles são amados por aquilo que são, e não pelos seus êxitos, pelo seu aspeto ou pelas suas capacidades físicas.

Os desportos que provocam inevitavelmente danos ao corpo humano não podem ser eticamente valorizados. Só recentemente tomámos consciência de alguns desportos cuja prática produz efeitos nocivos ao cérebro, e é fundamental que, nestes casos, todos os sujeitos sociais tomam posição a esse respeito e coloquem de novo a dignidade da pessoa e o seu bem-estar em primeiro lugar.

Doping

O problema do *doping* afeta a compreensão fundamental do desporto. Hoje, infelizmente, é praticado quer por atletas individuais, quer por equipas e também pelos estados. O *doping* amplifica uma série de complicadas problemáticas morais visto não corresponder aos valores de saúde e de jogo leal. Representa um exemplo claríssimo de como a mentalidade da «vitória a todo o custo» corrompeu o desporto, levando-o à violação das suas regras constitutivas. Neste processo, a «estrutura do jogo» decompôs-se, e os valores internos do desporto que dependem da aceitação das regras perderam-se. Em tais casos, mais do que as aptidões ou do treino do desportista, é mais importante o poder de quem procura melhorar as próprias prestações por todos os meios possíveis e imagináveis. O corpo dos desportistas é degradado, tornando-se um objeto sujeito à eficácia da medicina. Em alguns desportos que utilizam meios mecânicos (ciclismo, motociclismo, *Fórmula 1*), o *fair play* entra em crise devido a fraudes e ao *doping*

mecânico. Essas fraudes podem ser cometidas pelo atleta individual, mas também por um grupo mais alargado, com a ajuda dos mecânicos e solicitado pelos financiadores ou até manipulado em grande escala.

Para combater o *doping*, físico e mecânico, e manter o *fair play* nas competições desportivas, não basta apelar à moral individual dos atletas. O problema do *doping* não pode ser imputado apenas ao desportista individual, embora este também deva ser responsabilizado. É um problema mais complexo. É responsabilidade das organizações desportivas criar regras certas e condições organizativas de base para apoiar e motivar os desportistas na sua responsabilidade, e reduzir qualquer tentação de recorrer ao *doping*. Num mundo globalizado como o desporto, são necessários esforços internacionais concretos e coordenados. Outros agentes que exercem uma influência significativa sobre o desporto, como os meios de comunicação, a finança e a política, deveriam ser envolvidos.

Os espectadores também devem ter presente até que ponto as suas contínuas expectativas de melhoria dos desempenhos e o desejo de superespetacularização dos eventos desportivos impelem os atores do desporto a dopar-se fisicamente ou a recorrer ao *doping* mecânico.

Corrupção

Não menos do que o *doping*, a corrupção pode levar o desporto à ruína. Ela explora o sentido de competição dos jogadores e dos espectadores, que são deliberadamente burlados e enganados. A corrupção não diz apenas respeito a um único evento desportivo, sendo antes uma praga que se pode difundir inclusive nas políticas desportivas. As opções relativas ao mundo desportivo passam a ser decididas por atores exteriores ao mesmo, por interesses de carácter financeiro ou político. Igualmente censurável é qualquer tipo de corrupção que diga respeito às apostas desportivas. Se inúmeros desportistas ou apaixonados são enganados apenas para que um outro pequeno número possa enriquecer de forma descomedida, também isso ameaça a integridade do desporto. Como no caso do *doping*, todos os sujeitos interessados no desporto devem ter esta consciência, bem como as organizações desportivas, que devem promover regras concretas e transparentes para evitar que os valores do desporto sejam desprezados.

Adeptos e espectadores

Durante as atividades e as competições desportivas, o público olha e apoia os jogadores em uníssono, como se fosse um único corpo. Este sentimento partilhado, transversal às gerações, ao sexo, às raças, à fé religiosa, é uma fonte fantástica de alegria e beleza. Os adeptos são uma comunidade unida quer quando a sua equipa ganha, quer quando perde. Apoiam os seus jogadores e respeitam quer os jogadores e os adeptos adversários quer os árbitros, com *fair play* recíproco. Há momentos, manifestações e atitudes que nos tornam conscientes da alegria, da força e do significado de um desporto harmonioso e equilibrado. Todavia, o papel do público no desporto pode ser ambíguo. Em alguns casos, os espectadores insultam os jogadores adversários, os seus adeptos e os árbitros. Este comportamento pode degenerar em violência, quer verbal (com coros cheios de ódio) quer física. Os recontros entre claques destroem o *fair play* que deveria reinar em qualquer manifestação desportiva. Uma identificação excessiva com um atleta ou uma equipa pode elevar mais a tensão entre grupos de diferentes culturas, nacionalidades ou religiões. Às vezes, um adepto também pode utilizar o desporto para incitar ao racismo ou a ideologias extremistas. Os espectadores que não têm respeito pelos atletas, por vezes, atacam-nos, inclusive fisicamente, ou continuam a insultá-los e a denegri-los. Em casos de desporto de base, esta falta de respeito para com os atletas, às vezes, também se verifica por parte de espectadores pertencentes à sua própria claque. As equipas, as associações e as federações desportivas, quer nas escolas quer no desporto profissional e de cúpula, têm a responsabilidade de garantir que o comportamento dos espectadores respeite a dignidade de todas as pessoas que participam ou assistem a um evento desportivo.

O PAPEL-CHAVE DA IGREJA

Até agora, este documento tem tentado analisar e avaliar o desporto, o seu significado e as suas diversas dimensões observadas segundo a visão cristã da pessoa e da sociedade. Foram consideradas quer as grandes oportunidades e possibilidades que o desporto oferece, quer os riscos, as ameaças e os desafios que ele nos apresenta.

A Igreja, como povo de Deus, está ligada e sinceramente interessada no desporto, como uma das realidades humanas do nosso tempo. Naturalmente, a Igreja sente a responsabilidade de fazer tudo aquilo que está ao seu alcance para garantir que o desporto seja promovido com humanidade e razoabilidade.

«A pastoral do desporto constitui um momento necessário e uma parte integrante da pastoral ordinária da comunidade. Parece então, imediatamente, que a finalidade primordial e específica da Igreja não pode ser a criação ou a disponibilização de estruturas para as atividades desportivas, mas antes o empenho em dar sentido, valor e perspectiva à prática do desporto como facto humano, pessoal e social»⁶⁵.

5.1. A Igreja, no desporto, está em casa

Como já foi referido no primeiro capítulo, a Igreja entrou em empatia com o desporto moderno, decidindo, desde o início do século XX, habitar nesse contexto, empenhando-se ativamente e como protagonista.

Uma presença responsável

A Igreja não foge à corresponsabilidade de promover o desporto e de se preocupar pelo seu destino. Precisamente por isso, ela deseja dialogar com as diversas organizações e instituições desportivas para apoiar um processo de humanização do desporto contemporâneo. Procura,

⁶⁵ CONFERÊNCIA EPISCOPAL ITALIANA, *Sport e Vita Cristiana*, n. 43.

ativamente, melhorar a prática desportiva, o sistema e os seus processos através de uma parceria colaborativa com esses sujeitos. A Igreja pretende, além disso, disponibilizar uma visão de valores e moral que possa ajudar a enfrentar as problemáticas que afligem o mundo desportivo, como o *doping*, a corrupção, a violência dos adeptos e a comercialização desenfreada que avilta a alma do desporto.

A Igreja tem uma presença organizada e institucional no sistema desportivo, que lhe permite promover uma visão cristã do desporto, em modalidades variadas e a vários níveis. Dentro das próprias estruturas organizadas, a Santa Sé tem vários sectores interessados no fenómeno desportivo, com a missão de o seguir e promover do ponto de vista institucional, pastoral e cultural.

Em vários países, as Conferências Episcopais nacionais colaboram de perto com as associações desportivas nacionais e internacionais na promoção das atividades. Em alguns países, existem, há mais de um século, associações e sociedades desportivas eclesiais, plenamente envolvidas nos eventos desportivos de carácter local e nacional. Tais organizações são capazes de associar, colocar em rede e coordenar grupos desportivos quer a nível nacional quer internacional. A par do apostolado de muitos leigos, há numerosos sacerdotes que estão empenhados em grupos desportivos paroquiais e associações desportivas amadoras ou que prestam serviço como capelães em sociedades desportivas profissionais ou nos Jogos Olímpicos.

Uma Igreja em saída

O desporto é um âmbito no qual se pode viver concretamente o convite a ser uma Igreja em saída, sem muros nem fronteiras, mas com praças e hospitais de campanha.

Muito mais do que outros contextos, o desporto pode envolver pessoas oprimidas e marginalizadas, os imigrantes, os nativos, os ricos, os poderosos e os pobres, todos aqueles que partilham um mesmo interesse e, por vezes até, o mesmo espaço de jogo. Para a Igreja, uma realidade do género apresenta-se como uma ocasião para fazer encontrar pessoas provenientes de contextos diferentes e de condições de vida muito diversas. Se, por um lado, a Igreja quer acolher pessoalmente cada um, por outro, abre-se ao mundo. Como disse o papa Francisco, «o caminho da Igreja é, precisamente, o de sair do próprio recinto para ir procurar os afastados nas “periferias” essenciais da existência. [...] não só acolher e integrar, com coragem evangélica,

aqueles que batem à nossa porta, mas sair, ir à procura, sem preconceitos nem medo, os afastados, manifestando-lhes gratuitamente aquilo que recebemos de graça»⁶⁶.

Um Pátio dos Gentios moderno

Em muitas partes do mundo já existe a tradição de abrir as instalações eclesiais aos jovens – que, muitas vezes, lá se juntam, precisamente, para atividades tais como jogos e desporto. No contexto multicultural de hoje, espaços deste tipo tornam-se lugares que facilitam a criação de intercâmbios serenos entre comunidades, culturas e religiões. Como já foi sublinhado, a Igreja considera de grande valor estas dinâmicas que são capazes de promover o sentido de unidade da família humana. Usando as palavras do papa Bento XVI, estes lugares podem ainda permitir um diálogo com aqueles «para os quais a religião é uma coisa estranha, Deus é desconhecido, e que, no entanto, não gostariam de permanecer simplesmente sem Deus, mas de se aproximar dele pelo menos como Desconhecido»⁶⁷. Ele fala da missão da Igreja, frente a estas pessoas: «Penso que a Igreja deveria, também hoje, abrir uma espécie de “pátio dos gentios” onde os homens possam, de certo modo, agarrar-se a Deus, sem o conhecer e antes de terem conseguido aceder ao seu mistério, e a cujo serviço está a vida interna da Igreja»⁶⁸.

A Igreja tem múltiplas possibilidades de participar na realidade desportiva de hoje, possibilidades tanto mais relevantes porquanto estão em sintonia com a mais vasta missão da própria Igreja.

5.2. O desporto, na Igreja, está em casa

A visão do Magistério sobre o desporto tem-se concretizado numa proposta pastoral ativa através dele, que toma forma, essencialmente, num empenho educativo voltado para a pessoa, que, por sua vez, se transforma em empenho social para com a comunidade.

O desporto como experiência educativa

A pessoa humana, criada à imagem e semelhança de Deus, é mais importante do que o desporto. O ser humano não existe em função do desporto, mas, pelo contrário, o desporto deve estar ao serviço da pessoa para o seu desenvolvimento integral.

⁶⁶ FRANCISCO, *Homilia* da Missa com os novos cardeais, 15 de fevereiro de 2015.

⁶⁷ BENTO XVI, *Discurso* à Cúria Romana, 21 de dezembro de 2009.

⁶⁸ *Ibidem*.

Como já foi dito, a pessoa é uma unidade de corpo, alma e espírito: isto significa que a experiência física do jogo e do desporto envolve e tem um impacto inclusive sobre as outras dimensões da pessoa: a alma e o espírito. Por esta razão, o desporto participa na educação integral da pessoa. O papa Francisco tem incentivado a que se considere o jogo e o desporto como oportunidade para um percurso formativo global da pessoa, percurso esse que envolve a cabeça, o coração e as mãos, isto é, aquilo que se pensa, aquilo que se sente e aquilo que se faz. Segundo o Santo Padre, a educação formal, hoje, está demasiado fechada num «tecnicismo intelectualista» e numa «linguagem da cabeça»⁶⁹. Ele incentiva à abertura e à aceitação de percursos de educação não formal, como, por exemplo, o desporto. Como ele próprio disse, estando fechados apenas em rígidos percursos de instrução e educação formal, «não há humanismo, e, onde não há humanismo, não pode entrar Cristo!»⁷⁰.

Desporto e educação católica

Como pode a Igreja começar a integrar a atividade física e o desporto no interior do seu próprio tecido orgânico? Como pode a visão da Igreja, em relação ao desporto, chegar às conferências episcopais, às dioceses e às paróquias? Isto talvez pudesse começar com a instituição clara de um apostolado no desporto. Este apostolado daria visibilidade concreta ao empenho da Igreja em prol do ser humano através do desporto, e ajudaria a colocar em rede os vários organismos da Igreja em prol de um empenho efetivo no desporto.

Desde as origens do Cristianismo, o desporto emergiu como eficaz metáfora da vida cristã: o apóstolo São Paulo não hesitou em inserir o desporto entre os valores humanos, usando-o como ocasião e oportunidade de dialogar com as pessoas da sua época. Isso permite-nos afirmar que é possível ter em consideração o desporto, o jogo e outras atividades lúdicas para fazer com que os jovens possam chegar a uma compreensão mais profunda das Escrituras, dos ensinamentos da Igreja ou dos sacramentos.

Quando o desporto é vivido no respeito pela dignidade da pessoa e está isento de interesses económicos, mediáticos ou políticos, pode tornar-se um modelo de vida. «Quando isso acontece – disse o papa Francisco – o desporto transcende o nível puramente físico e conduz-nos à arena do espírito e até do mistério»⁷¹. Para educar cristãmente, devemos conduzir as pessoas aos

⁶⁹ FRANCISCO, *Discurso* aos participantes no Congresso Mundial «Educar hoje e amanhã: Uma paixão que se renova», 21 de novembro de 2015.

⁷⁰ *Ibidem*.

⁷¹ FRANCISCO, *Discurso* aos participantes na Conferência «*Sport at the Service of Humanity*», 5 de outubro de 2016.

valores humanos, em todas as dimensões da realidade, incluindo a transcendência. É este o sentido profundo do desporto: poder educar para a plenitude da vida e para a abertura à transcendência.

O desporto também é capaz de aproximar os jovens das virtudes cardeais da fortaleza, da temperança, da prudência e da justiça, e de acompanhá-los na sua prossecução. No campo da educação física, S. João Bosco, que era somente um capelão da juventude em Turim, no ano de 1847, foi talvez o primeiro educador católico a reconhecer a importância de movimento, jogo e esporte para o desenvolvimento holístico/integral da personalidade dos jovens. Para Don Bosco, educar através do esporte significa cultivar o acompanhamento pessoal do jovem, assim como o mútuo respeito, também quando se compete

O desporto como gerador de uma cultura do encontro e da paz

Num mundo em que abundam migrações, nacionalismos e identidades individuais, cada vez mais, pessoas tentam esforçadamente conviver com culturas diferentes ou tradições diversas das suas. Confins e fronteiras são continuamente desenhados e redesenhados. Neste contexto, devemos recordar que o desporto é uma das poucas realidades capazes de superar as fronteiras entre religiões e culturas. A chamada da Igreja universal a trabalhar pela unidade de toda a humanidade adquire uma relevância particular quando é vista no contexto do desporto. Neste sentido, a catolicidade caminha de braço dado com o espírito do desporto. No mundo desportivo, a Igreja pode desempenhar um papel significativo ajudando a construir pontes, a abrir as portas e a promover ações comuns, permeando a sociedade como «fermento».

O desporto como obra de misericórdia

O desporto também pode ser uma grande ocasião para tornar próximas pessoas que vivem condições de marginalidade ou carência. Há muitas instituições internacionais de desporto, organizações privadas e realidades não lucrativas que promovem o desporto como oportunidade para envolver jovens e crianças que vivem em ambientes de risco, marcados pela violência e pelo *bullying*, pelo consumo e tráfico de droga. Muitas comunidades cristãs, em todo o mundo, já estão empenhadas em projetos e iniciativas que promovem a prática do desporto, treinos e eventos desportivos, precisamente como alavanca para salvar os jovens da droga e da violência.

O desporto cria uma cultura de inclusão

Como o desporto traz consigo valores preciosos para a pessoa, quem tiver o desejo de praticá-lo deveria poder fazê-lo. Isto aplica-se de modo particular às pessoas pobres ou às crianças carenciadas, às pessoas com deficiência física ou mental, aos sem-abrigo ou aos refugiados. Além disso, em muitas partes do mundo, as raparigas e as mulheres são excluídas do direito a praticar atividades desportivas. Cada um se pode valer do alargamento das oportunidades de participação no desporto. Os atletas de alto nível, por exemplo, quando assistem ao desporto praticado por pessoas com deficiências, deveriam recordar que isso corresponde, verdadeiramente, à alegria de participar e de competir no respeito por cada adversário e por si próprio. Certos exemplos ajudam a orientar todos, de novo, para um desporto com potencial humanizante⁷².

O desenvolvimento das atividades paraolímpicas e das *Special Olympics* é um sinal visível de como o desporto pode ser uma grande oportunidade de inclusão e de como é capaz de dar sentido à vida e de ser sinal de esperança. Do mesmo modo, o nascimento da primeira Equipa Olímpica de Refugiados, em 2016, bem como da *Homeless World Cup*, são iniciativas importantes que permitem entender como o bem que o desporto produz também se pode estender àquelas pessoas que vivem deslocadas ou em condições de carência e pobreza, dando-lhes oportunidades de envolvimento.

5.3. Os ambientes da pastoral do desporto

A Igreja está empenhada em prodigalizar-se para que o desporto continue a ser uma experiência capaz de dar sentido e valor à vida das pessoas, a qualquer nível que seja promovido ou praticado e em qualquer contexto ou lugar que seja organizado. O desporto deve ter sempre por finalidade a formação integral da pessoa, a melhoria das condições sociais e a construção de relações interpessoais significativas. É por isso que o cuidado pastoral do desporto se adapta a muitos âmbitos e pode ser promovido em muitos contextos.

⁷² N. J. WATSON, A. PARKER (eds.), *Sports, Religion, and Disability*, Nova Iorque, 2015.

Os pais como primeiros educadores

Os pais são muitas vezes os primeiros mestres dos seus filhos no âmbito da fé e do desporto. Se não são diretamente os pais a ensinar como se lança a bola de basebol, pelo menos são eles que inscrevem os seus filhos numa equipa amadora, animando-os a praticar numa equipa de competição ou levando-os aos treinos e aos jogos. Estão muitas vezes entre o público a torcer pelo seu atleta em campo. Tudo isto são exemplos que nos mostram como o desporto, em muitos casos, pode ser uma fonte de relação entre pais e filhos. Esta ligação permite aos pais ensinar aos filhos as virtudes e os valores presentes no desporto. Se, por um lado, o desporto pode correr o risco de dividir uma família ou de reduzir a santidade do domingo como dia do Senhor, também pode ajudar uma família a viver com outras famílias a celebração dominical, não só na liturgia, mas também na vida de comunidade. Isso não significa que não se devam fazer encontros desportivos ao domingo, mas que tais eventos não deveriam impedir a participação das famílias na Missa, devendo, antes, promover uma vida familiar numa dimensão comunitária.

Paróquias (e oratórios ou centros juvenis)

«É maravilhoso quando, na paróquia, há um grupo desportivo e, se não há um grupo desportivo na paróquia, falta alguma coisa»⁷³. Todavia, esse grupo desportivo deve ser orientado de modo coerente com os objetivos da paróquia e deve estar solidamente ligado a um projeto educativo e pastoral. O grupo desportivo paroquial também é uma oportunidade para os jovens se encontrarem com seus coetâneos em eventos diocesanos ou nacionais. Além disso, as paróquias poderiam e deveriam promover atividades desportivas, não só para os jovens, mas também para os idosos.

Qualquer realidade humana sã e genuína destina-se, em última análise, a refletir-se na Igreja. A Igreja deveria acompanhar o mundo do desporto contemporâneo e os seus desenvolvimentos, sobretudo porque estes influenciam a vida dos jovens, e, quando for oportuno, ser capaz de unir desporto e fé nas próprias homilias.

Escolas e universidades

As escolas e as universidades são os lugares ideais para promover a ideia de um desporto orientado para a educação, a inclusão e a promoção humana. Os pais e as famílias desempenham

⁷³ FRANCISCO, *Discurso* aos participantes no encontro por ocasião do septuagésimo aniversário da fundação do Centro Desportivo Italiano, 7 de junho de 2014.

um papel importante, em diálogo com os professores e a direção escolar, no ato de dar forma à atividade desportiva escolar, de tal modo que esta seja orientada para o desenvolvimento integral dos estudantes. Em muitos países, as universidades já assumiram a missão de estudar o desporto. Cursos e programas de investigação orientados para a educação, formam e qualificam os futuros treinadores, dirigentes desportivos, médicos e presidentes desportivos. Tal ambiente representa uma grande oportunidade para a Igreja, permitindo-lhe dialogar com aqueles que têm uma responsabilidade educativa específica para com os desportistas de hoje e de amanhã, e que podem incidir sobre o desenvolvimento de um desporto ao serviço da pessoa humana e da construção de uma sociedade melhor.

Sociedades e associações desportivas amadoras

Os treinadores e os dirigentes desportivos exercem uma grande influência sobre os próprios atletas, por isso uma ação pastoral e educativa precisa de uma aliança com eles. Se, por um lado, se deve reconhecer a natureza específica do trabalho desenvolvido pelas sociedades e associações desportivas, por outro, é fundamental procurar um diálogo com elas, de modo particular sobre os temas de projetualidade pedagógica e cultural.

Desporto profissional

O desporto de alto nível e profissional é uma realidade de carácter internacional que compreende jogadores, espectadores e adeptos, organizações desportivas, meios de comunicação, empresas de *marketing* e também as instituições governamentais. É um fenómeno de grande impacto comunicativo, capaz de influenciar não só os jovens e os apaixonados pelo desporto, mas de condicionar o estilo de vida da sociedade inteira.

Por essa razão, a Igreja deve continuar a aprofundar o desenvolvimento de competências específicas e a formar capelães desportivos preparados ou conselheiros que ajudem no cuidado pastoral e espiritual dos treinadores e dos atletas que participam nos eventos desportivos internacionais, como os Jogos Olímpicos ou os Campeonatos Mundiais.

A Igreja deveria desenvolver projetos pastorais específicos para o acompanhamento dos jogadores e dos atletas, muitos dos quais têm grande influência sobre o mundo do desporto e, também, para além dele. Uma parte de tal acompanhamento consiste em ajudar esses atletas a não perderem de vista o significado profundo da prática desportiva. «Esta dimensão profissional

nunca deve pôr de parte a vocação inicial de um desportista ou de uma equipa: ser *amateur*⁷⁴. Um desportista, mesmo sendo profissional, quando cultiva esta dimensão de amador, faz bem à sociedade, constrói o bem comum a partir dos valores da gratuidade, da camaradagem e da beleza»⁷⁵. A Igreja deveria acompanhar estes atletas no seu caminho pessoal, apoiando-os na compreensão e no desenvolvimento da responsabilidade que têm enquanto embaixadores de humanidade.

O acompanhamento pastoral e o cuidado espiritual devem continuar mesmo depois de terminar a carreira desportiva de um atleta. Temos visto demasiadas vezes como jogadores e atletas de alto nível, no fim do exercício da sua experiência desportiva, caíram na depressão e no vazio, acabando alguns deles por mergulhar na voragem do alcoolismo e da droga. Um projeto de acompanhamento estruturado pode ajudar essas pessoas a redescobrirem a própria identidade, talvez pela primeira vez, fora do desporto. No sentido mais profundo, a sua identidade e o seu valor provêm do facto de terem sido criadas à imagem e semelhança de Deus, que as continua a chamar, embora de modos novos. O cuidado pastoral dos atletas depois de terminada a sua carreira, portanto, ajuda a entender como fazer reentrar em jogo os talentos e os dons recebidos, inclusive na prossecução da própria vida.

Hoje em dia, os espectadores constituem uma parte considerável do mundo desportivo profissional. Espalhados pelo mundo inteiro, as claques dos adeptos, as plataformas *online* e o *merchandising* giram em torno dos espectadores. Os adeptos vivem com frequência a paixão desportiva em termos absolutos, o que os leva a excessos e degenerações. A Igreja, juntamente com os líderes das outras religiões, pode ajudar a considerar o desporto na sua justa perspectiva. Se, por um lado, o jogo e o desporto são coisas positivas que se devem seguir com paixão e alegria, por outro, não são a coisa mais importante da vida.

Os meios de comunicação como ponte

Os meios de comunicação são um dos principais interlocutores da Igreja quando se trata de desporto. São os meios de comunicação – e, em particular, os meios de comunicação social –, que constroem a imagem do desporto do grande público. A Igreja, com a sua imensa plataforma ativa de *meio de comunicação social*, pode, portanto, desempenhar um papel relevante entrando em contacto com o público e com os comentadores desportivos.

⁷⁴ *Amateur* [amador] é entendido aqui no sentido de um atleta que participa por pura paixão no desporto e não só por dinheiro.

⁷⁵ FRANCISCO, *Discurso* às delegações das equipas nacionais de Itália e da Argentina, 13 de agosto de 2013.

É obrigatório que a Igreja faça ouvir de modo significativo a sua voz sobre acontecimentos e problemas do mundo do desporto. Tais declarações, a longo prazo, ajudarão as gerações mais jovens a aproximarem-se da Igreja.

Ciências especializadas

A Igreja também deveria estar aberta ao diálogo com aqueles que trabalham nos campos da ciência e da medicina do desporto. De tal confronto, a Igreja pode extrair um vasto conhecimento da realidade do desporto contemporâneo, de modo a propor reflexões competentes e precisas. Sobretudo, essa dialética deveria permitir aprofundar de que modo orientar a prática desportiva e o contexto limítrofe à mesma para corresponder a uma cultura do corpo ao serviço da pessoa integral. O diálogo da Igreja com as outras ciências, pode oferecer intuições significativas sobre o desporto e sobre os modos pelos quais se pode tornar uma atividade benéfica ao longo de toda a vida.

Novos lugares do desporto

Os centros *fitness* e os parques também são lugares onde é possível entrar em contacto com jovens, adultos e idosos, interessados numa cultura do bem-estar e abertos a uma interpretação da vida de tipo holístico, de unidade entre corpo, alma e espírito.

A par dos lugares tradicionais do desporto, também devemos prestar atenção a lugares informais, onde as pessoas, em particular os jovens, que rejeitam contextos organizados e estruturados, praticam novas formas de desporto de rua.

O risco de tais ambientes é que o desporto seja praticado na solidão, favorecendo formas individualistas, onde não há qualquer proposta educativa ou social. Por outro lado, é igualmente urgente ativar formas de diálogo com os meios de comunicação desportivos e os desportos eletrónicos.

5.4. O cuidado dos agentes pastorais do desporto

Não pode existir uma pastoral do desporto sem uma estratégia educativa. Isso implica o envolvimento ativo de todos aqueles que optaram por oferecer, nas diversas modalidades, o seu

serviço à Igreja através do desporto. A Igreja tem necessidade de educadores e não de funcionários. A pastoral desportiva não se pode improvisar, mas precisa de pessoas preparadas e motivadas para redescobrir a finalidade educativa do desporto e para se envolverem ao serviço de uma visão cristã do desporto.

Os educadores desportivos

No desporto, os treinadores, os árbitros, os professores e os dirigentes desempenham um papel fundamental na orientação dos comportamentos dos atletas e dos jogadores. Uma formação espiritual e pastoral pensada para eles é improrrogável para promover um desporto à medida da pessoa. Com efeito, muitos deles andam constantemente em busca do projeto melhor, mais completo e unitário para os seus jogadores.

A Igreja tem necessidade de se abrir ao confronto com as agências de formação do mundo do desporto, colaborando com elas ou promovendo percursos de formação sobre os aspetos pastorais do desporto. Um percurso pastoral precisa de materiais, de interações de pessoa a pessoa, de *workshops* de alta especialização para treinadores que envolvam uma orientação a nível espiritual e eclesial, e que os prepare para serem testemunhas, a fim de «anunciarem o Senhor Jesus com palavras e ações, ou seja, tornando-se instrumento da sua presença e ação no mundo»⁷⁶.

Famílias e pais

O diálogo com a família e, em particular, com os pais, constitui um aspeto fundamental na promoção de uma pastoral orgânica e continuada, orientada sobretudo para as crianças e os jovens. É importante que as famílias conheçam e partilhem os objetivos educativos e pastorais. Isso não significa que a proposta desportiva deva ser uma atividade de tipo confessional, mas não pode, certamente, ser neutra do ponto de vista de valores. É indispensável, por isso, proporcionar momentos de encontro e debate com os pais, partilhar com eles as finalidades do percurso oferecido e as opções educativas, torná-los participantes e conscientes, no respeito pelos papéis dos treinadores e dos dirigentes desportivos.

Voluntários

⁷⁶ CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, *Nota doutrinal sobre alguns aspetos da evangelização*, nn. 2, 3 de dezembro de 2007.

O mundo do desporto tem crescido e tem-se desenvolvido graças ao contributo estratégico dos voluntários. O voluntariado desempenha um papel fundamental que ultrapassa a esfera das competências técnicas e organizativas. Ele mantém viva, através das suas opções e do seu testemunho, a cultura do dom e o estilo da gratuidade. Os voluntários ajudam o desporto a permanecer orientado para o serviço aos outros, sem se focar apenas na dimensão económica e organizativa. Estas pessoas têm necessidade de apoio para crescer, para manterem firmes as suas motivações e para se integrarem o melhor possível no tecido organizativo do desporto.

Sacerdotes e pessoas consagradas

A presença pastoral dos sacerdotes e das pessoas consagradas no mundo do desporto serve de apoio à projetualidade educativa e ao acompanhamento espiritual dos atletas. Tal papel não pode ser vivido de modo abstrato e «intelectual», desligado da vida de todos os dias. O desporto é um mundo acolhedor, mas requer figuras pastorais que tenham uma presença atenta e respeitosa e que estejam conscientes das dinâmicas, dos papéis e das competências específicas presentes no organigrama do desporto.

É importante que a pastoral do desporto seja incluída nos percursos formativos daqueles que se preparam para se tornarem sacerdotes, e seria útil que eles tivessem a oportunidade de praticar atividades desportivas durante os anos de estudo e de preparação nos seminários. Em muitos seminários do mundo já se praticam atividades desportivas, inclusive de forma estruturada e bem organizada.

5.5. Alguns elementos fundamentais para um projeto pastoral através do desporto

A beleza do desporto ao serviço da educação

O desporto é um bem pastoral e precisa de ser promovido com qualidade. O desporto tem as suas próprias regras, uma especificidade e beleza próprias, e tem necessidade de ser promovido, garantindo a melhor qualidade técnica e organizativa. No entanto, a beleza do ato desportivo, a qualidade do ensino técnico e a eficiência organizativa não são as suas finalidades últimas.

O desporto é capaz de gerar paixões e emoções fortes, mas a missão da ação pastoral não é deter-se ao nível emocional, mas procurar efeitos a longo prazo, capazes de incidir de modo duradouro sobre a vida de cada dia. A missão pastoral do desporto é acolher, acompanhar, orientar e oferecer razões de esperança e de verdade. É um caminho que não se esgota num evento, mas que precisa de continuidade e de quotidianidade.

O desporto para reconstruir o pacto educativo

«Não mudaremos o mundo se não mudarmos a educação»⁷⁷. Para ter eficácia, um projeto de pastoral do desporto deve ser um lugar de rede entre as agências educativas, partindo, em primeiro lugar, da família, da escola e das instituições públicas. Se quisermos orientar os processos educativos, não é possível trabalhar em «compartimentos estanques». «Não se pode continuar a delegar a responsabilidade educativa. É necessário reintegrar os esforços de todos em prol da educação, reconstruindo o pacto educativo. Só com uma aliança entre todos os agentes educativos será possível mudar a educação»⁷⁸. Nesta rede, a Igreja deveria trabalhar de perto e com respeito recíproco com as autoridades competentes, a fim de promover a própria visão cultural do desporto ao serviço da pessoa, criatura amada e criada por Deus à sua imagem e semelhança.

O desporto ao serviço da humanidade

São João Paulo II referiu-se à «relatividade do desporto em relação ao primado da pessoa, para que seja sublinhada a valência subsidiária do desporto no projeto da criação de Deus. Assim, também o desporto deve ser visto na dinâmica do serviço, e não do lucro. Se tivermos presentes os objetivos de humanização, não se pode advertir a missão imprescindível de transformar cada vez mais o desporto em instrumento de elevação do ser humano para a meta sobrenatural a que é chamado»⁷⁹.

Isso significa que um projeto pastoral deve colocar no centro a pessoa, como uma admirável unidade de corpo, alma e espírito. O desporto deve ser promovido e praticado no máximo respeito pela pessoa e orientado para o seu crescimento integral. O atleta não pode ser reduzido a mero instrumento usado para alcançar resultados desportivos, hoje demasiado ligados a objetivos económicos ou políticos.

O jogo na base do desporto

O desporto é uma subcategoria do jogo, e jogar está na base do desporto a qualquer nível. Como diz o papa Francisco, é importante que «o desporto permaneça um jogo! Só se permanecer um

⁷⁷ FRANCISCO, *Discurso* aos participantes no IV Encontro de Scholas Occurrentes, 5 de fevereiro de 2015.

⁷⁸ *Ibidem*.

⁷⁹ JOÃO PAULO II, *Discurso* aos participantes no Convénio Nacional da Conferência Episcopal Italiana, 25 de novembro de 1989.

jogo, faz bem ao corpo e ao espírito»⁸⁰. É particularmente importante que o desporto continue a ser um jogo para os jovens, nos contextos educativos. Refletindo sobre o caminho que a educação deveria empreender hoje, o papa Francisco disse que «é necessário procurar aquilo que funda a pessoa, a sua saúde, a sua capacidade lúdica, a sua capacidade criativa de jogar. O livro da Sabedoria diz que Deus jogava, a Sabedoria de Deus jogava. Redescobrir o jogo como caminho educativo, como expressão educativa. Então a educação deixa de ser apenas informação, passando a ser criatividade no jogo. Aquela dimensão lúdica que nos faz crescer na criatividade e, simultaneamente, no trabalho»⁸¹.

O trabalho de equipa contra o individualismo

Já foi sublinhado neste documento que quem pratica desporto pode «sentir o gosto e a beleza do jogo de equipa, que é muito importante para a vida»⁸². Pertencer a um grupo desportivo significa rejeitar qualquer forma de individualismo, egoísmo e isolamento social, e oferecer «a ocasião de se encontrar e estar com os outros, tendo em vista a ajuda mútua, competindo na estima recíproca e crescendo na fraternidade»⁸³. A experiência desportiva promove de forma imediata dinâmicas de amizade e convívio que, se forem cultivadas e valorizadas, podem ultrapassar os confins dos campos de jogos e passar a ser uma oportunidade para construir relações significativas e duradouras.

O desporto é para todos

O desporto cria empatia e congrega pessoas provenientes de qualquer percurso de vida, gerando uma cultura do encontro. Ele deve fugir da «cultura do descarte» e ser acessível, acolhedor e inclusivo. Além disso, o desporto deve garantir a integração das pessoas com deficiência. «Que todos joguem, não só os melhores, mas todos, com as vantagens e as limitações que cada um tem, ou antes, privilegiando os mais desfavorecidos, como fazia Jesus»⁸⁴. Deste modo, «a atividade desportiva torna-se autêntico serviço ao crescimento da comunidade»⁸⁵.

Uma visão ecológica do desporto

⁸⁰ FRANCISCO, *Discurso* aos participantes no encontro por ocasião do septuagésimo aniversário da fundação do Centro Desportivo Italiano, 7 de junho de 2014.

⁸¹ IDEM, *Discurso* aos participantes no IV Encontro de Scholas Occurrentes, 5 de fevereiro de 2015.

⁸² IDEM, *Discurso* aos participantes no encontro por ocasião do septuagésimo aniversário da fundação do Centro Desportivo Italiano, 7 de junho de 2014.

⁸³ *Ibidem*.

⁸⁴ *Ibidem*.

⁸⁵ JOÃO PAULO II, *Discurso* à delegação da Juventus, 23 de março de 1991.

A época que estamos a viver não é uma simples época de mudanças, mas uma mudança de época, mudança acelerada pela revolução tecnológica e digital. As jovens gerações atuais são profundamente influenciadas por essas transformações, e o próprio desporto também é afetado. A presença dos *e-sport* (desportos eletrónicos) e de novas formas de *doping*, que nascem do desenvolvimento tecnológico e das novas descobertas no campo médico, são apenas a ponta do *iceberg* de um fenómeno que vai entrando cada vez mais profundamente no desporto.

Se, por um lado, a revolução tecnológica e digital tem trazido grandes benefícios à humanidade, e é justo reconhecê-lo, hoje o paradigma tecnocrático dominante tem efeitos preocupantes. Segundo o papa Francisco, há provas evidentes de muitos sintomas negativos, «como a degradação ambiental, a ansiedade, a perda do sentido da vida e da vida conjunta»⁸⁶.

Neste contexto, o desporto pode avançar contra a corrente, porquanto faz com que os jovens se possam encontrar frente a frente uns com os outros, mesmo que por vezes provenham de condições de vida diferentes. Enquanto jogam em equipa, isto é, enquanto se empenham em alguma coisa que, para eles, é uma questão muito séria, aprendem a enfrentar de forma concreta as dinâmicas de conflito entre si. Também têm a possibilidade de se encontrarem desportivamente com pessoas de outros grupos da sua comunidade, do seu país ou do mundo, alargando assim o seu horizonte de conhecimentos pessoais. Experiências deste tipo ajudam os jovens a compreender que fazem parte de uma realidade maior do que podiam imaginar e a viver uma experiência que poderá dar um sentido e um objetivo à sua vida.

⁸⁶ FRANCISCO, *Laudato si'*, nn. 107, 108, 110.

CONCLUSÃO

O desporto é um ambiente em que muitos jovens, e não só, provenientes de culturas e religiões diferentes, aprendem a dar o melhor de si. Estes tipos de experiências podem ser um «sinal de transcendência»⁸⁷. O presente documento demonstrou como a experiência do desporto – feita de alegria, encontro com as diversidades e construção de comunidades, crescimento na virtude e autossuperação – pode ensinar-nos qualquer coisa sobre o ser humano e sobre o seu destino.

No seu discurso dirigido ao Centro Desportivo Italiano, em 2014, o papa Francisco exortou aqueles que o escutavam e hoje, também nos exorta a nós, a darmos o melhor de nós mesmos, não só no desporto, mas em toda a nossa vida: «E precisamente porque sois desportistas, convido-vos não só a jogar, como já fazeis, mas a mais qualquer coisa: a pôr-vos em jogo na vida como no desporto. A pôr-vos em jogo na busca do bem, na Igreja e na sociedade, sem medo, com coragem e entusiasmo. A pôr-vos em jogo com os outros e com Deus; a não vos contentardes com um “empate” medíocre, a *dar o melhor de vós mesmos*, gastando a vida por aquilo que verdadeiramente conta, e que dura para sempre»⁸⁸.

⁸⁷ Cf. P. L. BERGER, *A Rumour of Angels: Modern Society and the Rediscovery of the Supernatural*, Nova Iorque, 1969.

⁸⁸ FRANCISCO, *Discurso* aos participantes no encontro por ocasião do septuagésimo aniversário da fundação do Centro Desportivo Italiano, 7 de junho de 2014.

ÍNDICE

Mensagem do Santo Padre

I. Razões e finalidades do documento

- 1.1. As motivações do documento
- 1.2. A Igreja e o desporto até ao nosso tempo
- 1.3. Objetivo do documento

II. O fenómeno do desporto

- 2.1. O nascimento do desporto moderno
- 2.2. O que é o desporto?
- 2.3. Os contextos do desporto

III. Um desporto para o ser humano

- 3.1. Corpo, alma e espírito
- 3.2. Liberdade, regras, criatividade e colaboração
- 3.3. Individualismo e equipa
- 3.4. Sacrifício
- 3.5. Alegria
- 3.6. Harmonia
- 3.7. Coragem
- 3.8. Igualdade e respeito
- 3.9. Solidariedade
- 3.10. Abertura à busca do significado último da vida

IV. Os desafios à luz do Evangelho

- 4.1. Um desporto humano e justo
- 4.2. Responsabilidade partilhada por um bom desporto
- 4.3. Quatro desafios específicos para o desenvolvimento

V. O papel-chave da Igreja

5.1. A Igreja, no desporto, está em casa

5.2. O desporto, na Igreja, está em casa

5.3. Os ambientes da pastoral do desporto

5.4. O cuidado dos agentes pastorais do desporto

5.5. Alguns elementos fundamentais para um projeto pastoral através do desporto

Conclusão